



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

mindlin

V/5/59

VERSOS

WENCESLAU DE QUEIROZ

VERSOS

1884—1888



S. PAULO

TEIXEIRA & IRMÃO — EDITORES

65, RUA DE S. BENTO, 65

—
1890

Typographia da Empreza Litteraria e Typographica

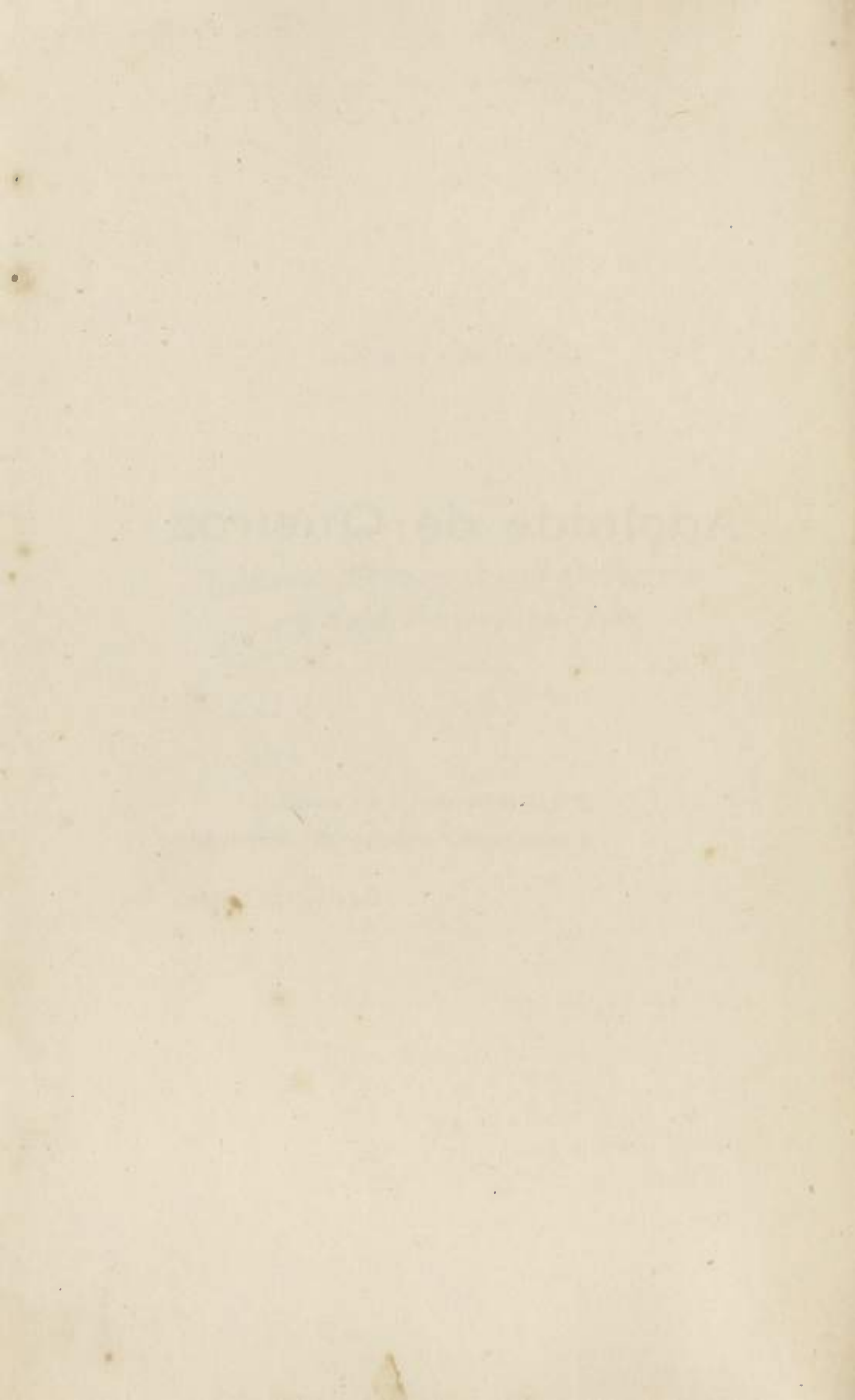
178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

A minha mulher

Adelaide de Queiroz

*A ti, ó boa e rara e fiel amiga,
A mais santa e a melhor das companheiras...*

GONÇALVES CRESPO.





A GARÇA EXILADA

(A JOÃO DE ARAUJO)

De azas cortadas, sobre um tarso erguida,
A nivea garça, triste como um pária,
Contemplativa, immovel, solitaria,
Sonhar parece numa extincta vida...

Como um rei exilado,—entorpecida,
Revê talvez a patria imaginaria,
—Indifferente á alegre, á mundanaria
Turba que passa na affanosa lida.

Junto do lago assim os dias leva;
E á noite, quando em luminosas magoas
A lua envolve a terra e ao céo se eleva,

Géme a garça ao luar frouxo e dormente,
E mais e mais alonga-se nas aguas
A sua imagem branca e transparente.





GELO POLAR

(A EUGENIO LEONEL)

Role do tempo na limosa penha
Um anno mais, e venha mais um anno,
Role este ainda, e mais um outro venha...

Que importa! si no seio teu não medra
Desengano nenhum, nenhum engano,
Pois que elle abriga um coração de pedra.

A indiferença é tanta, é tanta a neve
Que no teu seio algido se acama,
Do teu amor é tão gelada a chamma,
Que a amar-te, estatua, já ninguém se atreve...

E si eu te desse o meu amôr, em breve
Sei que se tornaria, altiva dama,
O meu amor, a minha ardente chamma,
— Um urso branco uivando sobre a neve...





A CLAREIRA

(A HERCULANO DE FREITAS)

Na areia branca uma dourada esteira
De sol se estende, e, nitida, fulgura:
De trecho em trecho vê-se a passageira
Sombra de uma ave atravessando a altura...

Na orla da selva abobadada, escura,
Das phalenas a tribu forasteira
Bailando assoma, e a fulva luz procura,
Españejando as azas na clareira.

Das arvores na copa frondejante
Nem um rumor! nem um rumor distante,
Vago, indeciso, na entufada relva.

Subito salta um cervo da folhagem,
E da clareira na veloz passagem
Vae de outro lado demandando a selva...





EDEL-WEISS

(A OLAVO BILAC)

Na cimeira dos Alpes, d'entre o gelo
Eterno, d'entre os alcantis fragosos,
—Ninhos das aguias, dos falcões gulosos,
Do vento expostos ao brutal flagello,

—Niveo, agomando os sépalos mimosos,
Nasce o *edel-weiss*,— o symbolo singelo
Do amôr, que vão buscar, cheios de zelo,
Na Allemanha, os amantes venturosos.

De um moço contam que perdêra a vida
Buscando aquella flôr, entre os fragedos,
Para offertal-a á noiva estremeçada:

Achado morto n'uma esconsa cava,
A flôr de neve, livido, entre os dedos
Segura, como um talisman, beijava...





A FRAGATA

(A FLAVIO DE QUEIROZ)

Ave do largo mar, as azas distendendo,
As azas triumphaes de enorme envergadura,
Remonta-se a fragata a uma gloriosa altura,
O flammejante azul dos tropicos fendendo...

Urrante o mar estoure os vagalhões no horrendo
Choque do temporal,—sóbe inda mais, procura,
Em cima, a doce paz de uma região mais pura,
A uma região mais pura, altivola, ascendendo...

Do continente velho ao novo continente,
Viaja a fragata, só, imperturbavelmente,
Cruzando sempre o mar na eterna paralela.

—Na paz do lar, assim, a alma do poeta vòa,
Vòa tão alto, e paira,—olha, tranquilla e bòa,
A vida—este oceano, a lucta—esta procella.





CARICIAS DE UM ANJO

Pareça ao mundo um desatino estulto
Isto; mas n'esse olhar, querida, eu leio,
Como num livro, o sentimento occulto
Que avaramente escondes no teu seio.

Phrase por phrase, letra a letra, em meio
Dessas retinas, meu porvir consulto;
E em tudo vejo, num crescente anseio,
A illuminura sacra do teu vulto...

Que num olhar mornas voluptias vejam
Outros, que eu vejo nesse olhar a tropa
Azul dos sonhos que outra vez me beijam...

Olha-me, pois, assim, dama querida,
Que novos ideaes minh'alma topa
No teu olhar de antilope ferida...





ALMA NEGRA

Arranca-me de vez, Verdade amarga,
Esta tristeza d'ação que me opprime,
Tira-me o tempo como dura carga
Da vida minha debil como um vime.

Acobardo-me ao vêr o infesto crime
Da innocencia quebrando a rija adarga,
Não lava o sangue a honra, não redime
A injuria o insulto nesta vida larga.

Em tudo encontro o esforço de uma luta,
Luta incessante e cega como a sorte
Que a Humanidade nem sequer escuta.

Eis-me a teus pés, do alfange afia o córte,
Como um pedaço de materia bruta,
Ao nada atira-me este corpo, oh Morte !





LOURA

É loura. O seio em flôr, tumido, apenas
A seda frouxa do roupão lhe estira...
Languido o olhar, as formas tão serenas
Que a gente, ao vê-las, tímido, suspira.

Ai! no mundo, confesso, nunca eu vira
Um tão formoso par de mãos pequenas:
Eu sei até de um bardo que na lyra
Comparou-as a duas açucenas.

Faz-me bem quando a vejo, ao fim do dia,
À janella,—o cabelo farto e louro
Atravessado de uma flecha de ouro,

A olhar, tão cheia de melancholia,
Além, da serra azul na grimpa nua,
A virginal apparição da lua...





PORTA SEM GONZOS

(A ARTHUR AZEVEDO)

Collada a bocca ao marmore, dizia
Um doudo amante á sua amante morta:
«Ergue-te e vem» e livido batia
Allucinadamente áquella porta.

«E ella não vem,—o doudo repetia,—
«E a noite é negra e gelida... Que importa!
«Hei de esperal-a até romper o dia,
«De joelhos sobre esta funerea porta.»

Doudo! Mas desse doudo não zombemos;
Que, se o pezar no coração se embrusca,
Ha muitas portas a que nós batemos;

Portas sem gonzos sobre céos trancadas,
A que batemos doudamente em busca
De uns restos de illusões mumificadas!





COLUMBA

Na azul esfera dos meus sonhos, antes
Que distendesses, pomba luminosa,
A envergura das azas triumphantes,
De plumas côr de rosa;

Dos meus ideaes a multidão medrosa
Errava, á toa, em circulos distantes,
Bem como, á tarde, na estação calmosa,
Andorinhas errantes...

Em plena luz, porém, naquella esphera,
Onde uma eterna primavera brilha
De chyméra em chyméra,

Dos meus ideaes o festivo bando
Empoz teu vôo, pomba, (oh! maravilha!)
Hoje passa cantando...





CORAÇÃO DE UM ESTOICO

(A HYPPOLITO DA SILVA)

Dia e noite, hora a hora, em ancia extrema,
Indago, estudo e sondo,
Ainda que a razão vacille e trema,
Este barathro hediondo.

Que ninguem saiba! nelle a dôr suprema
Barbaramente escondo;
E si um dia eu quebrar-lhe a ferrea algema,
Não se ouvirá o estrondo.

De treva tanta encheu-m'ó alguém no mundo,
Que, ao perscrutal-o, o teu olhar profundo
Não basta... ainda é pouco...

E creio até que nunca achastes, sabios,
Nenhuma cousa igual, nos alfarrabios,
A este musculo ôco.





VIOLINO MAGICO

(A ASSIS PACHECO)

Escutae-o e vereis tudo que escuto e vejo:
A symphonia irial do prolongado beijo
Que a luz canta nos céos amplissimos, apenas
Rompe o sol, como o sol de aureas manhãs hellenas;
As pompas fulguraes dos astros,— cofre de ouro
Onde num fundo azul derrama-se um thesouro
De gemmas, de rubins, de prazios, de esmeraldas,
—Pedraria engastada em joias e em grinaldas;

As rosas a cantar,— boccas febris de amantes,—
Da viva e rubra côr os «allegros» brilhantes;
Nas almas infantis a musica dos sonhos,
Do porvir desenhando os paineis mais risonhos;
Os mundos ideaes em que tudo tem azas,
Em que tudo, através de transparentes gazas,
Passa, visão de luz! passa nos céos profundos,
Por entre o vortilhão de milhares de mundos;

Os crebos vendavaes,— trompas de bronze,— atroando
O espaço, igneos fuzis no espaço fulgurando;
O mar em vagalhões desfeito, no rochedo
Quebrando a espuma em flôr e recuando de medo;
Na limpidez glacial dos lagos, a brancura
Dolente do luar, e nessa luz tão pura,
Entre os salgueiros, morta, Ophelia, olhos cerrados,
A boiar, a boiar,— cabellos destrançados,
— Cadaver da belleza em viagem mysteriosa
Para a região do Nada — a paragem nevosa...

Eis o que escuto e vejo aos sons de um violino
Sob as nervosas mãos de um artista divino:
O pranto, o riso, a dôr, a tristeza, a alegria,
A ineffavel saudade, a funda nostalgia;
O som, a fórmula, a côr, a linha, a luz, na terra
Tudo que mais ideal a natureza encerra,
— A transfiguração phantastica do sonho,
Onde minh'alma vóa, onde meus olhos ponho.

Conta um sabio viajor que as pombas do Oriente,
Azas abertas no ar, dormem á luz tremente
Das estrellas,— assim, eternos sonhadores,
Almas feitas de bronze e feitas de fulgores,
— As azas espalmadas,—
Longe da terra, á luz de eternas alvoradas,
Cantais, brilhais, sonhais,
Entre constellações de vivos ideaes...





OBELISCO DE OURO

(AO CONSELHEIRO ANTONIO PRADO)

Eil-o!—É um primor artistico: de um lado,
E de outro, e de outro, e de outro ainda,— vê-se
Que, entre florões aberto, o esmerilado
Ouro apresenta o grande nome d'esse
Que ao ex-captivo deu um nome honrado!

De um monumento é a bella miniatura:
A Idéa emtanto que elle encerra,— cresce,
Domina, avulta, augmenta, e se afigura
De altura tal que ao povo elle parece
Ter mais que alguns centimetros de altura!



ENTREMEZ LYRICO

De arrufos num desaforo
Tremula a voz, (que sereia!)
Um dia, não sei que idéa
Tivera, que, ao ver-me, logo
Interrogou-me porque
Mais versos eu não fazia,
E si d'antes o que eu via
O meu olhar já não vê...

Si não era mais bonita,
Como n'outros tempos era;
Si aquella graça infinita
Que a natureza lhe déra
Apagou-se, como um raio
De sol poente se apaga,
Em subitaneo desmaio,
Ao cahir da noite vaga...

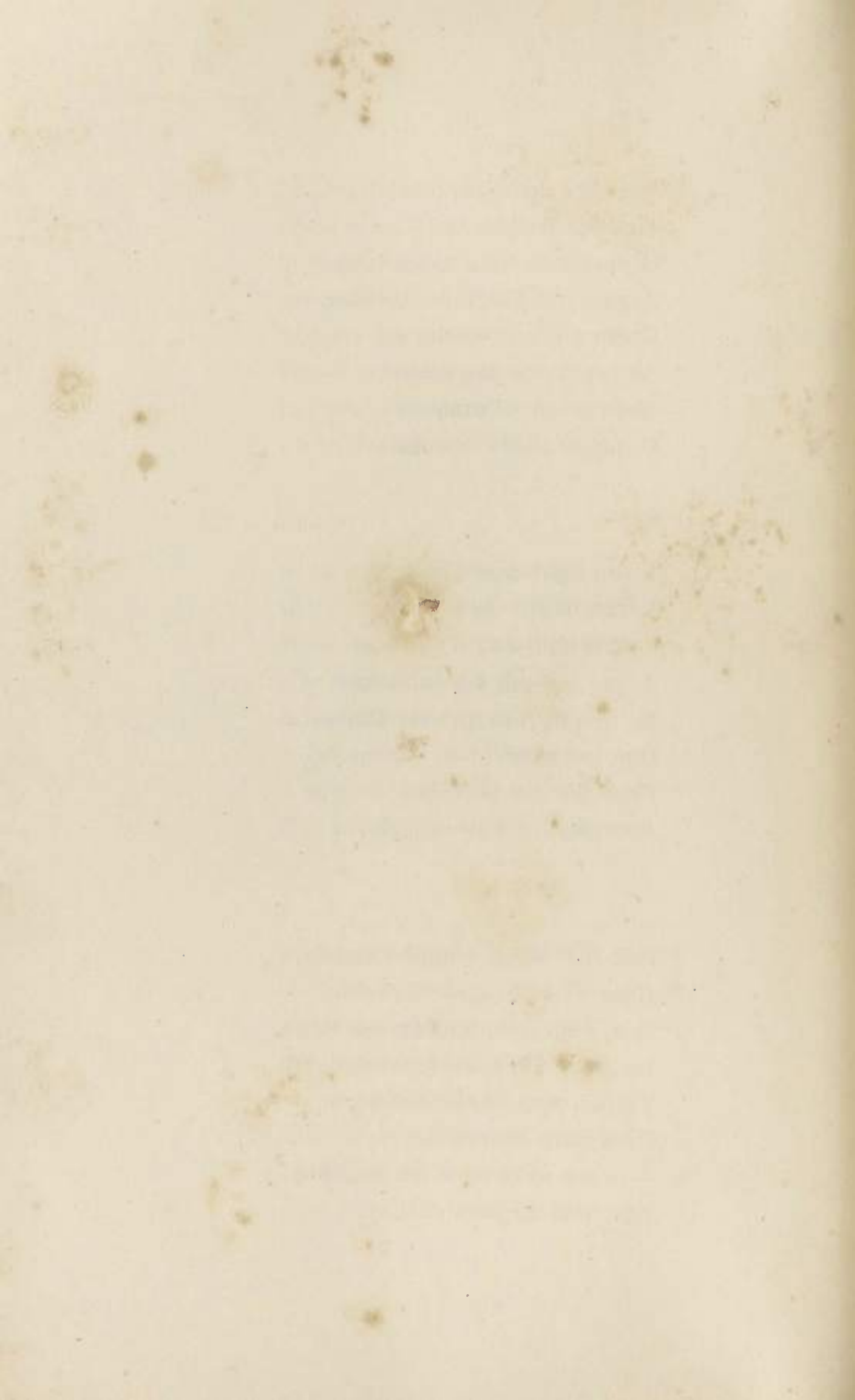
Si ao seu olhar irrequieto,
Como o olhar de uma andaluza,
Nenhuma quadra ou terceto
Não fazia a minha musa;
Si eu tinha envergado agora
A farpella de um burguez,
A sonhar, por noite a fóra,
Nos lucros que tive ao mez...

Si em vez de ser um artista
Tornára-me um argentario,
Sommando cifras, em vista
Do meu estado precario;
Si, no impeto da ira,
Em dia de spleen marmorco,
As cordas tirei da lyra
P'ra fazer um suspenşorio...

Por esta maneira, a minha
Enamorada galante,
Como quem bate e acarinha,
Arguiu-me naquelle instante.
Como a ironia esfriava
As brazas do seu olhar!
Cada gesto sublinhava
O que ella estava a fallar!

E seu labio acerejado
Vertia subtil veneno,
— Vivo antidoto do enfado
A que sempre me condemno.
De quando em quando sorria...
Que frio sorriso! ao vél-o,
Uma flôr me parecia
Abotoando d'entre o gêlo...

Pois que saiba a minha amada,
Rosa e luz do meu caminho,
Que, em vendo-a assim agastada,
Eu sinto um prazer, mesquinho
Talvez, mas desconhecido,
Uma nova sensação,
— Como se ouvisse um rugido
Em meio de uma canção.





A UM GRANDE MORTO

Na poesia celtica, uma lenda
Conta que, apenas um heroe na guerra
Morto, resuscitava numa terra
Longinqua, numa placida vivenda
Sobre uma ilha encantada — construida,
Onde, serena, lhe corria a vida.

De sobre as grimpas, de broqueis cobertas,
Se erguia uma aguia, de espalmadas azas,
— Negra, do azul cortando as leves gazas,
Como atalaia ás vastidões desertas
Do mar, que vinha nas muralhas de ouro
Quebrar de perolas o seu thesouro...

Era o palacio dos eleitos, era
A silenciosa, a mystica morada,
Onde uma doce e peregrina fada
O heroe curava com bondade austera,
Ungindo-lhe de balsamo sagrado
As feridas do corpo ensanguentado.

Tal o recebe a Historia, onde a Justiça
Ao seu glorioso espirito radiante
Uma vida immortal e mais brilhante
Imprime, dando-lhe uma nova liça,
Como uma transfusão de alento novo
Que désse a um corpo o coração de um povo!





SOFFRER É VIVER

(CAMPOAMOR)

Maldizendo a minha dôr
A Deus fallei desta sorte:
— «Fazei que o Tempo, Senhor,
Venha arrancar-me este amor,
Que já me vai dando a morte.»

Minha supplica escutando,
O azul e ethereo caminho
Por ordem de Deus cortando,
Correndo, ou melhor, voando,
Chegou-me o Tempo mesquinho.

E «vou teus males curar»
Disse: e quando o bem que adoro
Me foi do peito arrancar
Eu comecei a chorar
E de lembrar-me inda choro.

Por minha estranha paixão,
Penas soffri tão estranhas,
Que soube meu coração
Que uma cousa mesma são
Meu amor — minhas entranhas.

E feliz na minha dôr,
Minh'alma clamou sentida:
«Dizei ao tempo, Senhor,
Que não me arranque este amor
Que vai arrancar-me a vida.»

Minha supplica escutando,
O azul e ethereo caminho
Por ordem de Deus cortando
Correndo, ou melhor, voando,
Partiu o Tempo mesquinho.





ODIO

Odeio-a. Este odio livido que espuma
Dentro do peito o coração me afoga,
Se a estrella, o musgo, a pedra, a luz, a bruma,
Se tudo meu espirito interroga...

Odio intranhavel! Quando ao bosque atira
A rubra flôr do Oriente o póllen d'oiro,
Ainda assim com o toxico da ira
Infla-me o peito este odio immorredoiro.

Antithese do amor! Amo no entanto
Tudo o que lembra essa mulher formosa;
E almejo ainda, num supremo encanto,
Beijar-lhe as finas unhas còr de rosa...





A NOIVA

Tremula, casta, hesitante,
— « Sim » — murmuraste no altar,
E começaste a chorar
Sob o teu véu alvejante...

Tinha-te as mãos... doce instante!
Nas minhas,—quando, a chorar,
Tremula, casta, hesitante,
— « Sim » — murmuraste no altar.

Como um prisma de diamante,
Ferido pelo luar,
Eu vi-te o formoso olhar,
Por entre o véu ondulante,
— Tremulo, casto, hesitante...





MADRIGAL

De minha alma no humillimo recanto
O meu amor e o teu amor se osculam...
À noite,—pombas gárrulas,—um canto
Ensaiam e modulam...

Na doce faina de fazerem ninhos
Ha muito vivem estas aves; creio
Até que os versos meus são passarinhos
Que me fogem do seio...



CANÇÕES ALEGRES

(A SACRAMENTO MACUCO)

I

Aqui... além... longe ou perto,
Um sorriso como o teu
Não ha na terra de certo,
Mesmo no céu...

E os olhos? — vividos, n'alma
Vertem-me um negro luar:
Faz-me bem a luz tão calma
Do teu olhar!

Tua voz treme e suspira,
Como uma canção de amor;
E haverá nalguma lyra
Um som melhor?

Ouve-me,— eu sempre diviso,
Cheio de viva emoção,
Na voz, no olhar, no sorriso,
Teu coração...

II

Sinto-me bem — como quando,
Numa ondulação suave,
Olho no azul chilreando
Alguma ave...

Entra-me a vida nos póros
Ao brilho auroral das flôres;
As aves cantam em côros
Os seus amores.

Os sonhos, em revoadas,
A minha frente povoam
Como as phalenas douradas
Que além revoam...

A primavera atavia
O monte, o campo, a floresta;
Tudo deslumbra e extasia
 Minh'alma em festa...

E enquanto o jardim fumega
Ao beijo da madrugada,
As tuas violetas rega,
 Oh! minha amada!





LENDO A BIBLIA

Na informe escuridão cahotica do abysmo
Ouço de Jehovah a férrea voz troando:
E a luz, e o céo, e a terra,—o abysmo vomitando,
Formam da natureza o electrico organismo.

Novas scenas depois vão-se desenrolando,
Ora cheias de amor, ora cheias de egoismo:
Ruem grandes nações, como num cataclysmo,
Dos prophetas hebreus ao brado formidando.

Tenebrosas visões, visões sinistras passam,
Desfilam ante mim, vociféram, ameaçam,
—Nuncios celestiaes da cólera infinita...

Tudo, porém, se esváe no aroma capitoso
Que aspiro ao seio teu,—dórna de estranho goso,
Ó filha da Judéa, ó casta Sulamita!





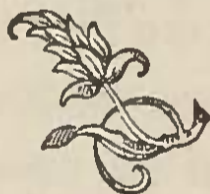
PRESENTIMENTO

Si foi mentira aquillo,
Que á noite me disseste...
(Repara: estou tranquillo)
Que vida que me déste!
Si foi mentira aquillo...

—É simples; tudo passa:
O amôr, os sonhos... dizes—
—Não creias; na desgraça
Me lançam mais raizes,
Pois que nem tudo passa...

Inexoravelmente,
Se é esse o meu castigo,
— O amor, anjo inclemente,
Só morrerá, commigo,
Inexoravelmente.

Si foi mentira aquillo,
Que á noite me disseste...
(Repara: estou tranquillo)
Que vida que me déste!
Si foi mentira aquillo...





(DE JEAN RICHEPIN)

Por seres tão formosa me atormentas,
Hoje que tens o meu amor, querida :
Curas, á noite, esta mortal ferida,
Porém, de dia, hystérica, a ensanguentas...

Mas, si eu amo sem conta o sonho escuro
Que tu me dás nesta paixão doentia,
Em breve chegará aquelle dia,
Em que, do teu amor menos seguro,

Para fugir ao teu dominio louco,
Tamanho golpe rasgarei no peito,
Que tu verás meu coração desfeito,
À luz do dia, num soluço rouco.

Então, querida, prantearás o instante,
O instante prantearás, em que, num grito,
Vomitarei o teu amôr maldito
Pela bocca da chaga palpitante!





O GANGES

Nos pétreos flancos brota do Hymalaia :
Depois, dos indios o sagrado rio
Desce, e, ora espelhante, ora sombrio,
Entre florestas e juncaes se espraia...

A natureza toda, quando raia
O sol, reflecte o seu espelho frio :
O elephante que vem beber, tardio,
Nelle a Vichnú saúda sobre a praia.

Quando o indio sente-se morrer, procura
As suas margens, aonde a alma impura
Pura se torna das terrenas magoas...

Pois que do indio a esperança derradeira,
A suprema ambição da vida inteira
—É morrer contemplando aquellas aguas...





POLHA DO OUTOMNO

Hontem, pela manhã, quando eu passava,
— Gelado o vento, num chorar convulso,
A ramagem das arvores dobrava...
Inverno! Inverno! Como que eu sentia
A alma fugir-me ao corpo áquelle impulso,
Como uma folha murcha que cahia...

De uma janella ao peitoril no entanto,
Logo avistei um vaso de violetas,
Cheias de viço, de orvalhoso pranto;
E mal o vento sacudia aquellas
Flôres,—recreio das gentis Julietas,—
Com medo de magoal-as, de offendel-as.

Ouve-me, pois, criança... Ruja embora
Sobre nós ambos a tormenta escura,
Será tranquilla nossa vida agora;
Pois que nos corações o amôr latente,
Mais que as violetas vividas, perdura,
Eternamente, flôr, eternamente...





NOIVA MORTA

(A JULIO RIBEIRO)

Morrêra em Maio a pallida Clemencia,
Numa das limpidas manhãs cheirosas:
Como a existencia ephemera das rosas,
Breve e tranquilla fora-lhe a existencia...

Quando sua alma,—a delicada essencia,
Abandonou-lhe as fórmias unctuosas,
—Soltas no leito, as suas mãos piedosas
Tinham uma romantica indolencia.

Jámais pisou-lhe os olhos dôr alguma,
Nem um pezar toldou,—algida bruma,—
De seus quinze annos o polido alvôr...

Fôra-lhe a vida um *tremolo* suave...
Levou, porém, comsigo,—estrella ou ave,
O seu primeiro e derradeiro amôr.





PROMETHEU DE ESCHYLO

(A FILINTO D'ALMEIDA)

A aguia lhe vae roendo o figado... Raivoso,
Preso ao rochedo, solta a apostrophe suprema:
—De Jupiter prediz a queda; e a voz blasphema
Geme na solidão do Caucaso nevoso.

Chegando Hermès, ainda a maldição extrema
Ouve de Prometheu: de Jupiter—zeloso
Arauto, Hermès pergunta ao revoltado iroso
Que novo Deus virá partir-lhe aquella algema...

Nada responde... O Olympo ameaça-o, trovejando...
Em vão! nada responde o martyr revoltado,
As coleras de Zeus, sereno, desafiando...

Nova interrogação! nova mudez profunda!
Subito o raio estala... e Prometheu, atado
Ao Caucasos fatal, no Tartaro se afunda.





A MANDRÁGORA

Á doce luz do sol, no Oriente, á margem
Dos rios, a mandrágora floresce,
Cuja raiz mortifera parece
De um corpo humano a ensanguentada imagem.

Della esta lenda estranha se conhece:
Ao arrancar-se-lhe a raiz selvagem,
Nessa muda raiz uma linguagem
Sótorna de gemidos apparece.

*

O teu amor, mandrágora maldita,
Cuja raiz no coração me habita,
Um veneno me embebe nos sentidos.

Mas esse amor, se um dia m'ó arrancares,
Do meu seio verás, subindo aos ares,
Um dolente nevoeiro de gemidos...





MAR E CÉO...

«Parto amanhã» — eu repetia, quando
Beijava-te na vespera... «Talvez,
(Tu me dizias, tremula, chorando)
Seja esta noite a derradeira vez.»

Pobre criança, amavas-me... No entanto
Eu partira no proximo vapor,
Sentindo n'alma a chuva de teu pranto,
Gotta a gotta, a cahir, oh! meu amor.

Sentei-me ao tombadilho. O azul radiava...
Emquanto o mar a helice cortava,
Deixando atraz fios de espumas,—eu

Pensava em ti silenciosamente...
Quando acordei, eu via então somente,
Sómente eu via então — o mar e o céu...





O GRANDE AMÔR

(PARAPHRASE DE H. HEINE)

Amei-te; amô-te ainda, e eternamente
Creio que te hei de amar, e mais ainda:
A toda a gente ensinarei a infinda
Canção de meu amôr — a toda a gente!

Direi ás aves: «Solfejai tão linda
Cânção de amôr» e ás flôres, juntamente:
«Da primavera d'este amôr ardente
Celebrae, como os passaros, a vinda!»

Amei-te; amo-te ainda... E si este mundo,
Preso das chammass, se esboroasse um dia,
Eu creio até que, por milagre, flôr,

Das ruinas fumegantes ao rotundo
Páramo, ao alto céo, ascenderia
A chamma triumphal do meu amôr!





NOVAS ILHAS

(A FELIZARDO JUNIOR)

Na Oceania eternamente as vagas
Fervem nos bancos de coraes, formando
Novo mar, novas ilhas, novas plagas,
Por onde vôam passaros em bando...

Como um collar de scintillantes bagas,
O polypo, a madrépora boiando
Nas ondas — vão cingindo as ilhas magas,
Cada vez mais seu ambito alargando...

A flora ahi pollula exuberante,
As corpulentas arvores cobrindo
De uma folhagem vivida, abundante...

— Ao cavo som do pelago profundo,
Nessas ilhas ridentes vae surdindo
A projecção mirifica de um mundo.





VIAJANDO...

(AO DR. J. L. DE ALMEIDA NOGUEIRA)

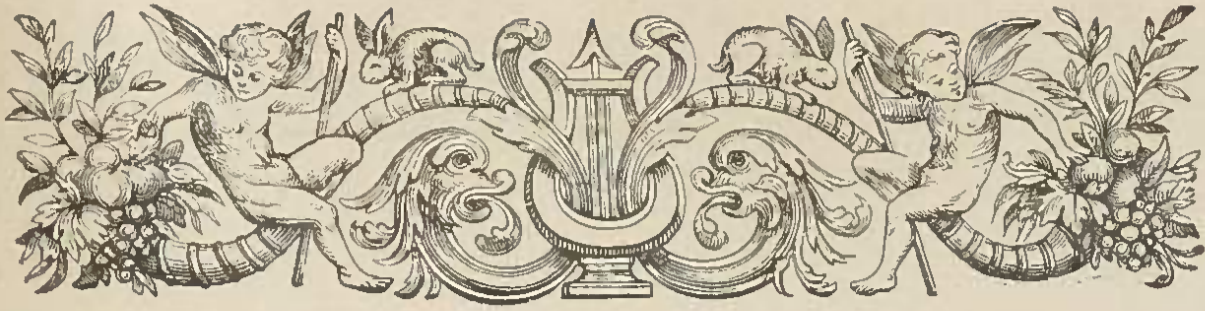
A esfusiada horrisona do vento,
Como um troço de barbaros guerreiros,
Muge e remuge, atroando o firmamento,
Nas fauces negras dos despenhadeiros.

Chove. Ennublado o céo ha tantos dias,
Uma restia de luz nem brilha e aquece
Os arredores d'estas serranias,
Onde em Abril o coqueiral floresce...

Da chuva ás grossas bátegas, na estrada,
O meu cavallo, tropego, vacilla
E pára, olhando em torno a matta escura...

A noite cahe... Nada se avista, nada...
E em vão procuro a desejada villa,
Quando a luz do relampago fulgura...





BIOLETS

I

Disseste-me, flôr, um dia,
Que não gostavas do inverno:
— Era frio, e que um eterno
Nevoeiro os céos encobria —
Disseste-me, flôr, um dia,
Que não gostavas do inverno.

II

E eu sempre te respondia :
— Bella estação que é o inverno!
Mas, num gesto meigo e terno,
Replicavas : — Como é fria!
E eu sempre te respondia :
— Bella estação que é o inverno!

III

Hoje, porém, me excrucia
A longa estação do inverno...
És de *outro*... e adoras o eterno
Nevoeiro que os céos cobria...
Hoje, porém, me excrucia
A longa estação do inverno!



A DOUS VELHOS ROMANTICOS

Velhos, conta-me, — quando o gelo da velhice
Branqueou-vos, fio a fio, os cabellós; depois,
Quem de vós o primeiro acolheu a calvice,
Pois que eu não sei qual é o mais calvo dos dois?

Entre-olharam-se, e logo os velhos se entenderam...

E, como lhes calcasse o peito alguma dôr,

Numa unisona voz, ambos me responderam:

—No amor de uma illusão! — Numa illusão de amor!



TÊTE Á TÊTE

Vem para aqui, e senta-te a meu lado;
Fallemos do futuro:
Seja isto embora como um sonho alado
A esvoaçar no escuro...

Vê... si este quadro não sahir bem feito,
A culpa não é minha:
É que estou vendo a curva do teu peito
Como sonhado eu tinha...—

— Longe, bem longe, entre arvoredos, uma
 Casinha branca; ao vel-a,
Que, de mãos postas, se bemdiga em summa
 A nossa boa estrella.

Um rio no pomar, trepido, arfando
 As suas ondas claras;
Á margem, tu — as aguas contemplando,
 Entre folhagens raras...

Sobre os meus joelhos (pois sentado eu quero
 Ficar n'esta paysagem)
Algun *romance* de um amor sincero,
 Que te copie a imagem.

A luz coada à medo iriando as côres
 Num prisma nunca visto;
E aromas, cantos, passaros e flores
 Em meio de tudo isto...





OS DOUS ESPELHOS

(CAMPOAMOR)

Num fino crystal d'espelho
Aos quarenta annos me vi,
E achando-me feio e velho
De raiva o crystal parti.

Mas d'alma na transparencia
Então meu rosto mirei,
E tal me vi na consciencia,
Que o espelho d'alma quebrei.

*

É que o homem, pobre! em perdendo
A saúde, a crença, o amor,
No espelho enxerga-se — horrendo!
E n'alma vê-se — inda peor!





A AGUIA E O IDEAL

(A ALFREDO PRATA)

Do rochedo ás grimpas, onde
A aljava de luz, ao poente,
O sol flammivomo esconde,

Costuma a aguia, fremente,
Erguer o vôo, scindindo
O largo azul — de repente...

D'alli, no horizonte infindo,
Afunda o olhar penetrante,
Como o sol, tremeluzindo...

Contempla o mar arquejante
Que as vagas levanta, como
Um Encelado gigante;

E em fervido e vivo assomo
Á rocha atira um navio,
Tal si fosse um leve pomo...

Olha a planicie que o rio,
—Polido franja de prata,—
Cinge, — olha tambem o esguio

Perfil umbroso da matta;
Olha tudo, tudo, tudo,
Desde o insecto á cataracta!

*
* *
*

Naquelle rochedo mudo,
Exposto ás iras do vento
Como um granitico escudo,

Ella faz, grande portento!
O ninho, onde a prole cria
Affeita ao deslumbramento!

Quando a pennugem radia
Nessas aves pequeninas,
Vivas como a luz do dia;

Em suas garras belluinas
Condul-as a aguia altiva
Às translucidas campinas...

A luz do sol excessiva
Fal-as fitar... Si uma dellas
Os olhos fecha d'esquiva,

Mata-a de subito, e aquellas
Que o sol fitaram sem medo,
Pairam no azul como estrellas.

*
* *

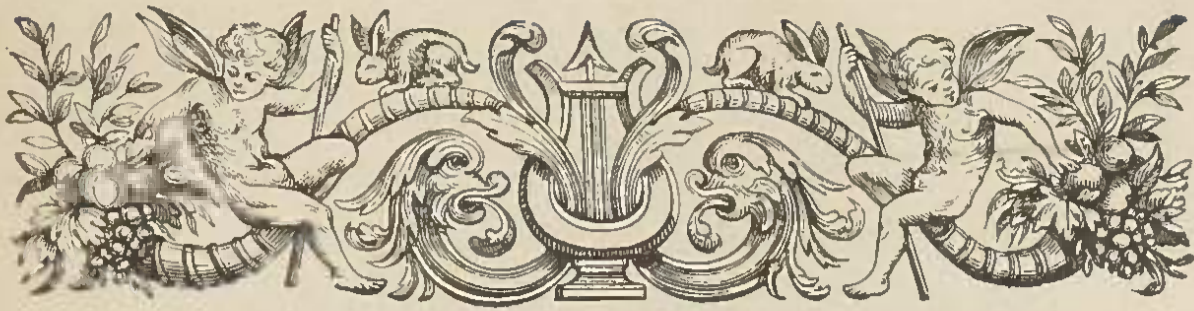
Assim, Ideal, n'um rochedo
Forte, invisivel, tu fitas
A terra, como um degredo...

Dessa atalaia onde habitas
Cantando partem teus filhos,
Como phalanges invictas...

Do olvido, porém, nos trilhos
Tombam alguns, que da gloria
Não podem fitar os brilhos!

Neste prelio formidando
Os que ganham a victoria,
Como aguias — passam voando
No firmamento da Historia.





A UMA VIAJANTE

...E partes como parte uma andorinha
Para as festas de luz da primavera...
Partes, e eu fico... Que tristeza a minha!
Que saudade a minh'alma dilacera!

Levas comtigo os sonhos e a chymera,
— Essa roupagem lucida que eu tinha
Bordado á noite na soidão austera
Para vestir-te o corpo de rainha.

No entanto eu sei, eu sei... crúa certeza!
Que não levas sequer uma lembrança
Do meu amor tão cheio de pureza...

E partes hoje, ó tímida creança,
Deixando a minha juventude presa
Ao delgado grilhão duma esperança...





NEVROSE

(A THEOPHILO DIAS)

I

Na voragem da infinita
Loucura que me supplanta
Ha uma serpente maldita
Que me constringe a garganta.

A noite de agro remorso,
— Remorso que me fragòa,
(Noite em que choro e me estorço...)
De pranto e sangue gerou-a.

Corrompem-se-me os sentidos
Entre morbidos miasmas:
— Ouço no treva gemidos,
— Na sombra vejo phantasmas.

Tomam corpo e forma hedionda
Os sonhos meus mais secretos,
Como frenetica ronda
De uma porção de esqueletos.

A phantasia nas garras
Leva-me a um paramo torvo,
Abrindo as azas bizarras
Nos céos azues como um corvo...

N'alma roeu-me a apathia
As rosas do seu conforto,
Como a larva humida e fria
Róe a carcassa de um morto.

E o olvido (ai! corre-me o pranto...)
Vae sepultar-me os despojos,
Como farrapos de um manto
Que se espedaçou nos tojos.

Neste incessante destroço,
A razão mais se me afunda,
Como a luz dentro de um poço,
Numa inconsciencia profunda.

Como nas noites polares,
De humida treva retinctas,
Farejam ursos nos ares
Abrindo as boccas famintas.

Surgi, visões do passado,
Nesta mudez que me cinge:
Eis o meu seio golpeado,
Sugai-o, labios de esphynges...

II

Na tristeza em que me afundo
Nem ar, nem luz eu não sinto;
Ha lia amarga no fundo
Escuro deste recinto.

Acima si os olhos volvo,
Acho treva, e cahe-me o pranto;
Suga-me a dôr, como um polvo,
O sangue, n'este quebranto.

Os beijos que dou nos labios
Vermelhos da minha amada
Têm os causticos resabios
Da blasphemia envenenada.

Si toco o pé de uma rosa,
Muda-se em labio sangrento,
Que me diz, em voz chorosa,
A imprecação de um lamento.

Alguem que me segue o passo
Rouba-me toda a alegria...
Si canto, silva no espaço
A farpa de uma ironia.

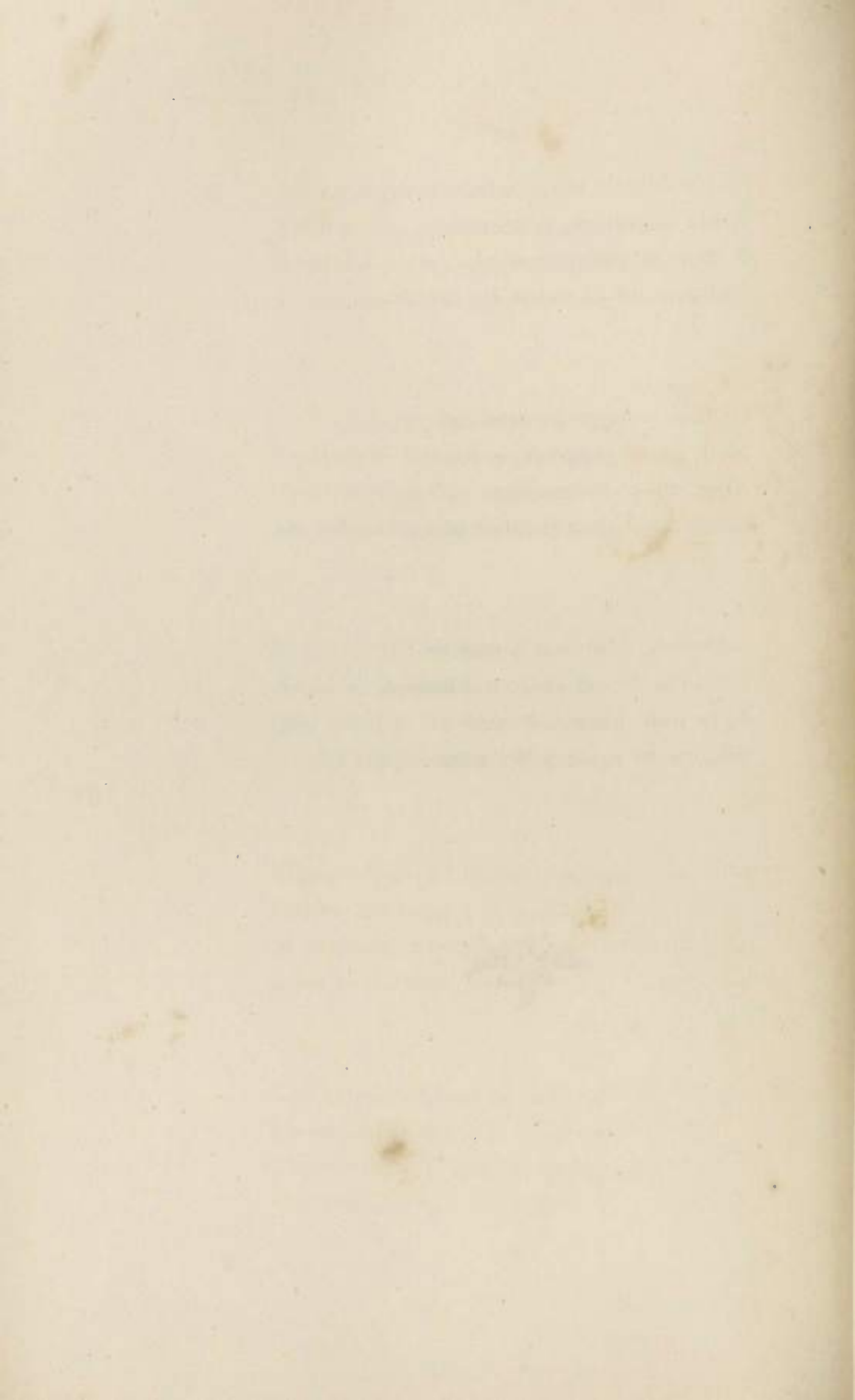
Nos astros—laivos de sangue
Eu encontro, quando os olho,
E entre elles perpassa, exangue,
Um anjo, torvo o sobr'olho...

Outro anjo, e mais outro eu vejo
Atraz seguirem, tristonhos,
E mortos, nesse cortejo,
Passam-me os anjos dos sonhos...

Os braços ergo ás estrellas
Num gesto supplice, e logo
Apagam-se todas ellas,
Como a luz de um fatuo fogo.

—Duvida, morde e remorde
As fibras de um peito exausto;
Lyra num ultimo accorde,
Quebra-te nesse holocausto.



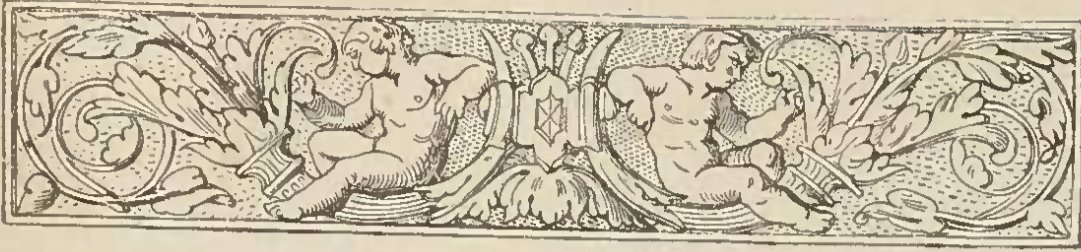




NO TREM

Para traz passam troncos, rios, mattas,
Valles, montanhas, tudo vae passando,
De rumo inverso ao trem que foge, urrando,
Veloz, qual monstro de invisiveis patas...

Tal, na existencia, em rapida corrida,
Vindo do nada, para o nada vamos:
— Entendemos que andamos para a vida,
Mas para a morte os passos desandamos,



POEMA DA CARNE

Da carne rosada e branca
Do teu corpo primoroso
O prazer fervido arranca
Os arrepios do goso...

Como um par de negras cobras,
Lambem-te o dorso umas tranças,
Que ha muito tempo em mil dobras
Prenderam-me as esperanças.

*

Tuas calidas narinas
Arfam — quando, ardente e louca,
Como folhas de cravinas,
Rolam-te os beijos da bocca...

Latejam-te as fontes; todo
O delirio que tu sentes
Aflora de estranho modo
Á luz de teus olhos crentes.

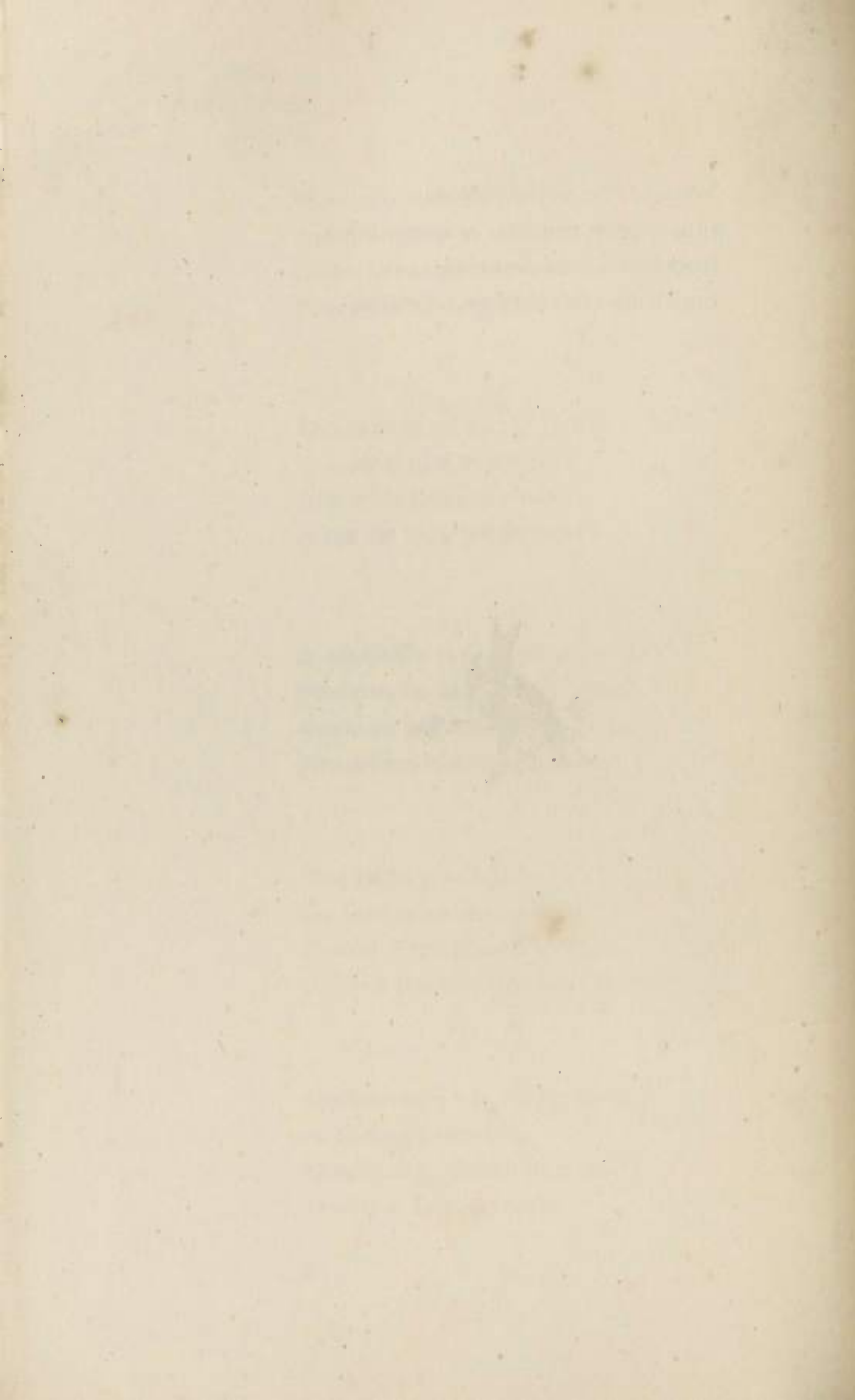
A sensação mais fugace
Perfuma-te as roseas pomas,
Como se alguém destampasse
Um frasco cheio de aromas.

Tua pelle povoada
De innumeraveis desejos
Treme e retrahe-se irritada
Á atroz pressão de meus beijos.

Quebra-te a voz na garganta
A titilação nervosa,
Que excita, que te quebranta
O corpo, Laís formosa.

Teus braços como cadêas
Cingem-me sempre... os sentidos
Imperam sobre as idéas,
Como um rei sobre os vencidos.







(ORTEGA DE LA PARRA)

Calar-me ainda... não! Partido o gelo,
Que a alma, na apparencia, me cobria,
— Daquella calma indifferente e fria,
Doudo e vivaz, rebenta o meu anhelô.

Eu deixo agora espedaçado o sêllo
Que ao labio me deixou a hypocrisia:
Já não posso calar a dôr sombria
Ao ver que o céo... eu tenho de perdê-lo.

O céu do teu amor! Que nova gloria
Na terra encontrarei, alma querida,
Si eu não posso apagar-te da memoria!

Si nem ao menos posso, na partida,
Dos teus amores maldizer a historia,
Que é a historia infeliz da minha vida?!





ROSAS DE INVERNO

...Son quellì
I canti che pensai ma che non scrissi,
Le parole d'amor che non te disse.

STECCHETTI.

O inverno, folha a folha, irá despindo
Todo o arvoredado: e sob a terra, então,
Amargurada, has de encontrar dormindo,
No repouso final, meu coração.

Festões em flôr has de colher, no entanto,
Nessa nevosa e frigida estação,
Quando fores saber ao Campo Santo,
Onde dorme, onde jaz meu coração.

O segredo de amor que te occultava,
Desfeito em rosas, brotará do chão:
Só nesse dia has de saber que amava...
Depois de apodrecido o coração.





DIAS FELIZES

Felizes, como foram os teus dias
Dois me foram os dias, dois sómente,
Em que o morcêgo das hypocondrias
Não me sugou ao corpo o sangue ardente.

Foram os teus — manhan resplandecente
De folguedos, auroras de alegrias,
— Os meus, só noites, pavorosamente
Atravessadas de semsaborias...

Eis para mim os dias mui felizes:

— Um, foi ao vêr-te pela vez primeira,

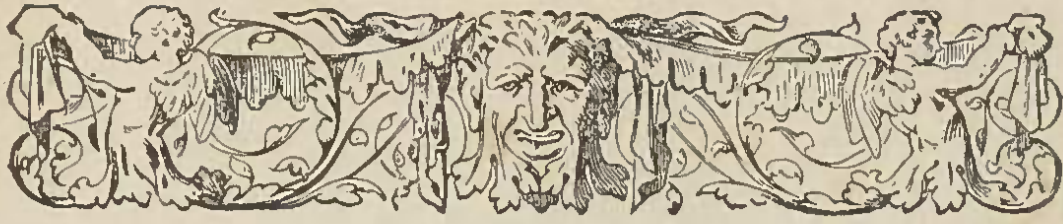
— Foi outro ao vêr-te a derradeira vez.

O primeiro deixou-me arduas raizes;

Levou-m'as o segundo; de maneira

Que o amor nos foi um lyrico entremez.





SEMPER

A vê-la dia e noite acostumado,
Noite e dia não houve em que a não visse,
Do feio inverno embora o vento irado
Chorasse, embora a primavera risse.

De flôres se esmaltasse embora o prado
Ou de alva neve o monte se cobrisse,
Della eu tinha — a caricia de um agrado,
Della eu tinha — um sorriso de meiguice.

O travôr amarissimo do pranto
Nunca senti com ella; mas com ella
Sempre cantei um *duo* de ventura.

Eu não sei como foi p'ra amal-a tanto...
Mas si isto foi loucura,— eu quero tel-a,
Eu adoro, eu bendigo esta loucura.





(A. TRUEBA)

I

Cri, cri, cri, cantam os grillos,
Rra, rra, rra, cantam as rãs,
Cò, cò, rô, cò, canta o gallo,
Como o clarim das manhãs.
—Mas, que dizem quando cantam?
—« Bem haja a noite, elles dizem,
As estrellas nos encantam,
As estrellas immortaes! »

—Assim eu digo, morena,
Si perto de mim estás,
Que a luz da manhã serena
Nenhuma falta me faz,
Si a luz de teus olhos tenho;
Pois, para eu ver, bastam elles,
Elles só, e nada mais.

II

Debaixo das nuvens fica
Não saias, ó lua bella,
Que muito bem, ás escuras,
Eu me encontro junto della.
Como estou cego de amores,
Não me serve a luz de nada;
E si quem é cego — apalpa,
Eu apalpo, ó lua amada!
Debaixo das nuvens fica,
Não saias, ó lua bella,
Que roseo pudor não quero
Accender nas faces della;
Pois de pudor morreria,
Ó lua, si apparecesses...
Não; para eu ver, si quizesse,
Seu olhar me bastaria.

III

Quanto eu te quero, morena!
Como se gosam venturas,
Às escuras, no teu seio,
Sobre o teu labio, às escuras!
Que boa vida nos pólos
Comtigo não passaria,
Pois lá metade de um anno
É noite, e metade é dia!...
Vamos ao pólo, morena...
Porém, não; melhor é a Hespanha:
São lá de gèlo as mulheres,
Aqui são de chamma estranha,
São aqui polvora e fogo;
E si uma mulher nos olha,
Um olhar nos queima logo...

IV

Moreninha de meus olhos,
Vem já repontando a aurora,
Já cantam os passarinhos
Pelas campinas afóra,

Já o sachristão da aldeia,
Din, din, din, din, toca os sinos...
Aurora, apaga os teus raios,
Aves, calae esses hymnos,
Sachristão, desce da torre...
Mas, ai! morena, já corre
No azul o clarão da aurora,
As aves cantam os seus hymnos
Pelas campinas afóra,
Din, din, din, soam os sinos.
Para a casa, pois, voltemos;
E, para alongar a noite,
Portas, janellas fechemos,
Fechemos a casa toda...
Que importa! assim mesmo vejo...
Para mim — são os teus olhos,
Para ti — o meu desejo.

V

Cri, cri, cri, cantam os grillos,
Rra, rra, rra, cantam as rãs,
Cò, cò, rô, cò, canta o gallo,
Como o clarim das manhãs.
— Mas, que dizem quando cantam?
— «Bem haja noite, elles dizem,

As estrellas nos encantam,
As estrellas immortaes!»
Assim eu digo, morena,
Si perto de mim estás,
Que a luz da manhã serena
Nenhuma falta me faz,
Si a luz de teus olhos tenho;
Pois, para eu ver, bastam elles,
Elles só, e nada mais.





O CÉGO

Arrimado a um bordão, caminha o cégo... Às vezes,
Na pupilla sem luz, a lagrima scintilla,
Olhos nos céos, porém, chorando os seus revezes,
Dá mais luz e mais vida a apagada pupilla.

Pára, si escuta alguém approximar-se... a esmola
Pede; e lá vae depois tacteando os caminhos; .
Dorme ao relento; e se ergue, empunhando a sacola,
De manhã, ao cantar das aves sobre os ninhos.

Cégo infeliz! O amôr lhe não atirou nunca
Uma restea de fogo ás trevas da cegueira:
— É que a Miséria, tendo a mão aspera, adunca,
Quando fere, estrangula uma existencia inteira.





PEROLAS FALSAS

Perolas só, em vez de amargo pranto,
Chover podiam, como por encanto,
Os olhos seus num claro azul rasgados,
Porque seu peito,—melindroso cofre
De sentimentos nobres, delicados,
Tem pena, e se abre, quando a gente soffre.

Soffre, e não menos do que nós... Comtudo
No seu amor, que foi meu longo estudo,
Illudiu-me... Julguei saber de sobra,
Quando nenhuma cousa então sabia:
—Em cada coração sempre uma dobra
Se esconde, qual no seu se m'escondia...

Mas fingida seria tanta magua
Naquelles olhos arrasados d'agua?
Sim, arrasados d'agua aquelles olhos
Mentiam, mascarando um sentimento,
De sua alma nos intimos refolhos,
Como verdade — o que era fingimento!

De lagrimas de amor se marejavam,
Quando nenhum amor sequer mostravam!
— É que não foi de perolas o pranto
Que do seu peito, — cofre melindroso,
Aos olhos vinha, como por encanto:
Mas sim as falsas perolas do goso...





IDYLLIOS

Vamos ao bosque... Por esta
Estrada larga e sinuosa
Exhala a verde giesta
Um fresco effluvio de rosa...

Eu quero deitar-me á sombra
Da ramaria mais alta,
E ahi dormir sobre a alfombra
Que o orvalho limpido esmalta.

Eu giso de ha muito um poema
Na tela da phantasia,
Onde tu, gloria suprema!
Serás meu braço, meu guia.

Por isso eu venho das flôres
Colher a tinta mais leve
Para pintar os primores
De tuas faces de neve...

No *atelier* da Natureza
Tenho umas ricas palhetas,
Cortadas, com singeleza,
Das azas das borboletas...

Hei de pôr todo o cuidado,
Ao debuxar os sonetos,
Na descripção do ondulado
Dos teus contornos correctos!

Vamos... Contempla o setineo
Azul dos céus luminosos,
Que mais parece um escritorio
Cheio de prazios custosos...

Envolve-te o rosto santo
A pallidez das Ophelias,
Como da lua ao encanto
Brilham as alvas camélias.

Não tardará que estes ares
Rosem-te os lábios e a fronte,
Pois nascem nestes logares
As rosas de Anacreonté.

Ensopa-te em luz; o dia
Escampo, limpo e radioso,
Leva-te a negra apathia
Nas azas leves de um goço...

Quando meu beijo humedece
A tua bocca vermelha,
O sol, coitado! parece
Que me contempla d'esguelha;

Bem como um velho ciumento,
De raiva inflamma-se logo,
E agita mais truculento
A cabelleira de fogo...

Verdeja ao longe a collina
Onde tu moras... De tua
Janella vê-se a campina
Longinqua, virente e núa.

Lembras-te? alli, nas noitadas
De frio inverno, com quantos
Sonhos e crenças doiradas
Não perfumaste os meus cantos?!

.....

Vamos! Entremos na matta,
Que fóra o calor fustiga...
Escuta: os veios de prata
Nos chamam á sombra amiga.

Olha: aquella ave palreira,
Poisada nuns ramos toscos,
Junto da vasta clareira,
Canta um idyllio de Moskos.

*

*

*

Eu conduzo a tiracollo
A aljava de rimas d'ouro
Com que, na terra de Apollo,
Se locupleta o Thesouro.

Matemos, pois, este côrvo,
— O tédio — com estas flexas,
Em quanto o perfume absorvo
De tuas negras madeixas.

Alegra-se a musa minha
Em seguir os vôos francos
Da tribu alegre e damninha
De insectos de elyctros brancos.

Com finas azas d'estrellas,
As tuas doiradas scismas,
— Como elles — revôam pelas
Regiões d'encantados prismas.

No *fervet opus* dos ninhos
A turba d'aves perpassa...
Ouve: como os passarinhos
Dão-nos concertos de graça...

Para espancar-me o canção
Trina também como as aves...
Canta! que vibrem no espaço
Uns *duettinos* suaves!





O BASILISCO

Na Grecia, outr'ora, havia (a lenda conta)
Esse estranhissimo dragão pequeno,
Que repassava de mortal veneno
O olhar,—qual de uma setta a hervada ponta.

Na estrada, muita vez, calmo e sereno,
Vinha o viajor... Porém, victima tonta!
Aquelle olhar lhe dando a morte prompta,
Morria em convulsões, de angustias pleno.

Assim, um dia, em que passava, em cheio
No meu olhar um lindo olhar me veio
Ferir; e desse dia angustioso,

Arteria a arteria, o sangue me percorre:
Meu coração de amor aneia e morre
Desses olhos ao fogo venenoso.





DUAS AURORAS

(AO DR. RUBIÃO JUNIOR)

Vago rubor colora o céu... Nas ondulantes
Nuvens do Oriente esmaia a estrella matutina.
Alvacenta-se além a matinal neblina
Sobre o respaldo azul das montanhas distantes.

Não tarda o sol. No entanto, eil-a entre as flores, antes
Do sol,—no labio a luz de uma canção divina,
Jardim afóra, aqui colhendo uma cravina,
Alli um lyrio, além as violetas fragrantas.

Eil-a acordando o insecto, o passaredo, as rosas...
E o insecto brilha, e a flôr desperta, e a ave descanta
Ao gesto virginal de suas mãos formosas.

Repona emfim o sol. Ella, a infantil princeza,
Saúda o sol, bebendo o orvalho numa planta,
Como um vinho de luz num crystal de Veneza.





ANACREONTE

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Mar jonio em fóra, á pòpa da galera
Medita o velho dos festins sagrados,
Entre velas de purpura, e dourados
Mastros, fulgindo a um sol de primavera.

O manto ás auras solto, a barba austera
E os cabellos de essencias perfumados,
Leva uma eburnea lyra,—os seus cuidados,
Suspensa ao peito, e á mão, um thyrsos de hera.

Rumo de Athenas leva. O mar frisando
Vae a galera com festões virentes,
Emquanto n'agua os corpos balouçando,

Brincam Nereidas, a fitar, curiosas,
Anacreonte, á popa,—as cans luzentes—
Coroado de pampanos e rosas.





(DE MONTÚFAR)

Eu penso em ti; vives em minha mente,
Em minha mente vives, douda, embora
No meu tranquillo rosto indifferente
Não se reflecta esta paixão latente,
A chamma que em silencio me devora.

Á minha escura e morta phantasia
A tua imagem, carinhosa e pura,
Desce... Tambem o sol um raio envia,
Atravez de uma abobada sombria,
Ao ròto marmor de uma sepultura.

Parado, inerte, no estupôr profundo
Jaz o meu coração, mas nelle echôa,
E vibra, e ullula um grito moribundo,
Quando, entre o vão estrepito do mundo
A melodia de teu nome sôa...

Sem lucta, sem trabalho, sem tormento,
Sem agitar-me em cego frenesi,
Sem proferir um só, um leve accento,
Conto da noite as horas, lento e lento,
As longas horas em que penso em ti.





ESTRELLA MORIBUNDA

Se alguma estrella ao meio se partisse,
E em differentes céos cada pedaço,
Errabundo, nostalgico, se visse
Orbita nova a descrever no espaço;

E mais e mais se lhe tornando escasso
O brilho,— mésto e livido, sentisse
Saudade mutua do partido laço,
Até que, em luz sangrando, se extinguisse...

Se tal exício acontecesse acaso
No céu, que estrella amiga prantearia
Da pobre estrella o miserando caso?

—Tambem se parte um coração amado...
Mas, como a estrella moribunda e fria,
Ah! morre o coração despedaçado!





NUM «ATELIER»

O mimo ideal daquelle olhar, aquelle
Sorriso casto como a luz, a vida
Sensual porejando-lhe da pelle,
O ebano da coma desprendida;

O seio turturino, branco e imbelle,
Que á longa sesta a repoisar convida,
Embora nelle arfando se modele
A veia azul da poma entumecida;

A fronte eburnea, lyrial, perfeita,
Os primores sublimes de que é feita
Essa risonha e doce creatura;

Tudo pintaste, artista... e conseguiste
Resuscitar nessa ideal pintura
A tua amada que já não existe.





SAUDADE

N'alma, como um allivio, me cahia,
Seu doce olhar fulgidamente negro,
Que os nervos me enlaçava e entorpecia,
Como os ais de uma languida harmonia,
Cortada, ás vezes, de um brilhante *allegro*.

Emquanto o sol, na crystallina esphera,
Abria um curvo leque de esplendores,
Pela manhã (e então feliz que eu era!)
Como o noivo gentil da primavera,
Punha-lhe aos pés o meu *bouquet* de flôres.

E com a vista, de paixões revolta,
Nas ancias de amoroso desvario,
Por entre a fôfa cabelleira solta,
Eu via... alli... do seu pescoço em volta
Um felpo de pêcego macio...

No jardim, uma tarde, na alameda,
Onde as sombras das arvores cahiam,
Tudo o que á amada um coração segreda
Lhe disse... mas nem sei... oh! tarde leda!
Nem sei o que meus labios lhe diziam...

Era bella, e mais bella se tornava,
Si, joelho em terra, eu lhe pedia um beijo,
Pois que, fugindo, entre risonha e brava,
Com duas mãos alvissimas tapava
As suas faces rubidas de pejo...

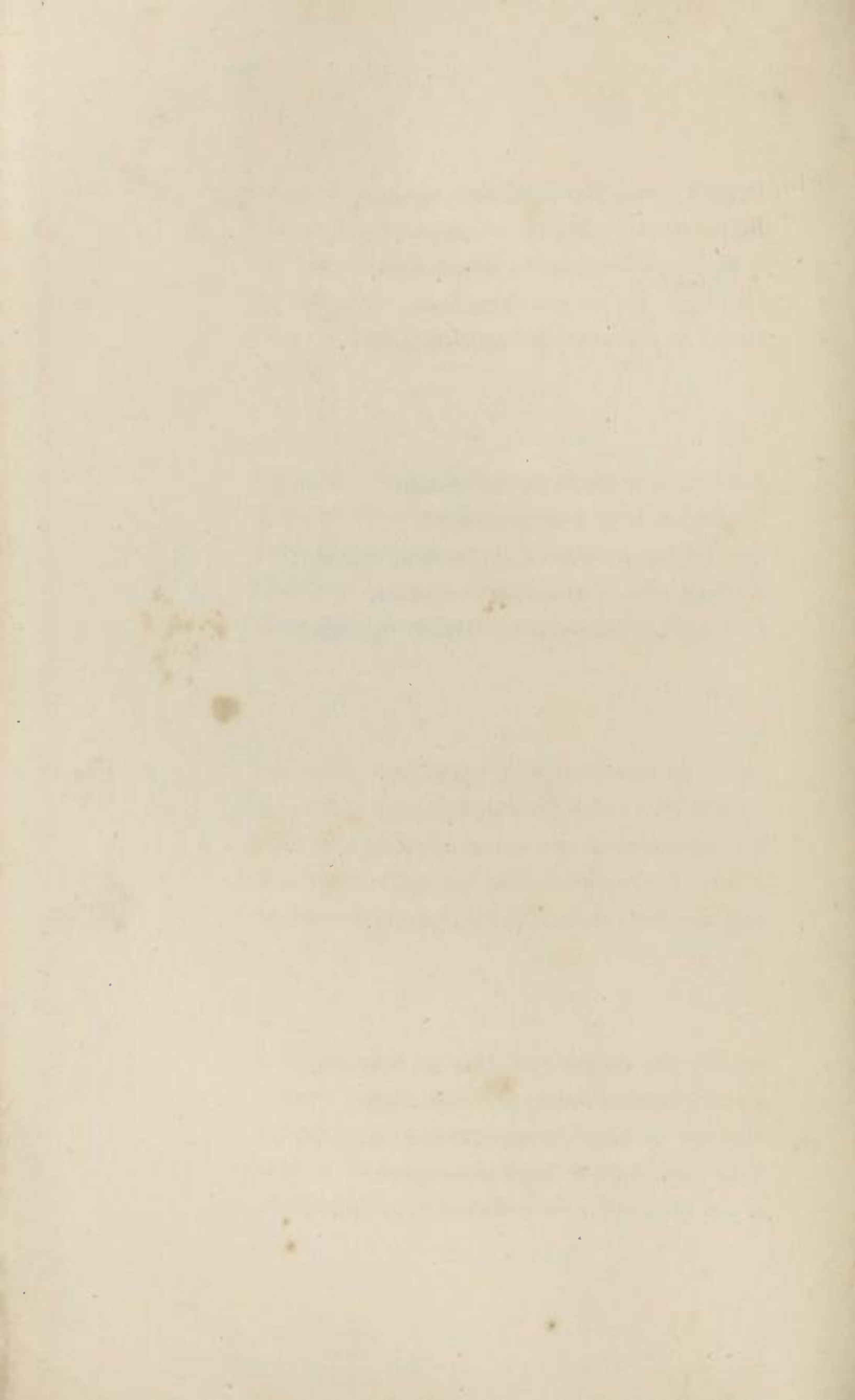
Á noite, muitas vezes, na sacada,
Quando olhava no azul os astros, ella
Achegava-se a mim, e, descorada,
Tremia de pavor, se na estrellada
Abobada rolava alguma estrella...

Depois, como lhe nada acontecesse,
Daquelle medo ria-se á vontade,
E acompanhava, cheia d'interesse,
Os longos échos que fazia esse
Riso nas serras e na immensidade...

Aos bailes quando ia, do vestido
No decóte levava uma camelia,
Que eu mesmo havia, no jardim, colhido;
E todos, com o anhelito incendiado,
Pela sala, a chamavam: — linda *Ophelia!*

Si, de *Chopin* á musica, walsando
Voava, leve como uma andorinha,
Eu lhe premia, num contacto brando,
A doce curva de cintura, quando
Ella apertava a sua mão na minha.

As circumstancias minimas de outr'ora,
Tudo passou ante meus olhos, tudo;
Mas eu, de longe, como um sonho, agora
Vejo tambem que tudo se evapora
A um meu olhar chorosamente mudo...





THESOURO OCCULTO

Circumvagando um vesgo olhar, primeiro
O usurario medita, enxada ao hombro...
Resoluto, depois, de terra um combro
Cava, possuido de um tremôr ligeiro...

Cava... cava inda mais, com desassombro;
Porém, é velho... Exhausto, o corpo inteiro
Verga; a respiração num derradeiro
Esforço perde, tremulo de assombro.

Mas a cubiça lhe dá força; o braço
Ergue, a enxadada cahe no chão, soturna,
Como o som cavo dentro de uma furna...

Fuzila o vesgo olhar, adianta o passo...
Enfia as mãos na cova traiçoeira,
E, em vez de um cofre, tira... uma caveira!





MARINHA

(A VICENTE DE CARVALHO)

Rasgando a espessa neblina
De raios niveos bordada,
Ascende a lua opalina
Dos céos á concha azulada.

Os rochedos solitarios
Esfumam-se no horisonte,
Como os brancos ossuários
De um antigo masthodonte.

Em convulsão estremece
A glauca esteira das ondas,
Como se alguém revolvesse
O oceano com muitas sondas.

As alcyones em bando
Mal se vislumbram nos ares,
Como emigrantes — buscando
Outro clima, outros lugares...

Tal como um monstro marinho,
Ao longe um navio errante
Iça o velame de linho
Que o vento enfuna arquejante.

Sobre o curvo tombadilho
Canta a alegre marinhagem,
Num languoroso modilho,
As aventuras de viagem.

O brilho das ardentias
Sobre as aguas phosphorêa,
Como a luz das pedrarias
De alguma occulta sereia.

Dos céos nas amplas veredas
Os astros vão emergindo,
Como um punhado de moedas
Que a lua vae espargindo...





JULIA

Se a languidez que o amor n'alma lhe entorna,
Como um espumeo e delicioso vinho,
Afflue-lhe aos olhos numa doce e morna
Scintillação suave de carinho...

Se a voluptia lhe cinge o corpo e torna
O labio em fogo, a roupa em desalinho,
Vendo-se então nas carnes que amadorna
A maciez dulcissima do arminho...

Ala-se a minha phantasia, como
Uma ave, á luz as plumulas iriando,
Revôa em torno de um dourado pomo;

E, enquanto o seio vae-lhe contorneando,
Os meus desejos férvidos que eu domo,
Urram nos ares, como leões, em bando...





SOL EXTINCTO

Azas tão amplas deu-me o seu amôr, que o mundo
Me pareceu estreito, e o céo, tambem estreito :
O mundo então deixei, deixei o céo profundo,
E um mundo, e um céo criei, mas dentro do meu peito.

Fiz de minh'alma o céo, e alegre, satisfeito,
Nella atirei um sol,—o seu amôr jocundo,
Que sobre o coração,—mundo de trevas feito,
Jorrando a luz, o fez d'impulsos bons fecundo.

Ainda mais: povoei aquelle céo d'estrellas,
—Tão bellas illusões, aspirações tão bellas,—
E sobre aquelle mundo ergui castellos d'ouro...

Doudo! Extinguiu-se logo o amôr immorredouro;
E no meu peito, agora,—espaço inanimado,—
Rola um extincto sol sobre um mundo gelado.





VENTURA

Esse que a sorte, num tufão de neve,
Levar-lhe viu os sentimentos magos,
Maldiga embora a vida que não teve
Tranquilla como o seio azul dos lagos...

Sempre, a teus pés, corra-me a vida em leve
Encanto, em vivo anseio, em sonhos vagos,
Ao casto olôr dessa mãosinha breve,
De teu olhar aos tepidos afagos.

N'alma não tens um só dos teus desejos,
Que eu não possa, no fogo de meus beijos,
Crystallisar em doce realidade...

Passemos, pois, sobre este escuro sólo,
Eu — como um guia, tu — como um consolo,
Cantando e rindo nesta nossa idade.





O VESTIDO AZUL

A bella còr azul do teu vestido,
Cheio de rendas, de brocados cheio,
Eleva o meu espirito vencido
A um céo ignoto num continuo anceio.

Receio a queda, a commoção receio,
Quando contemplo, em extase embebido,
Na curvatura harmonica do seio,
A bella còr azul do teu vestido.

E vem-me á idéa uma feliz morada,
Á margem duma placida lagòa,
Por onde á noite a gondola encantada

Nos levasse a sorrir, boiando á tóa,
Eu — te beijando a coma desnestrada,
Tu — desferindo uma saudosa lòa...





DUAS PHASES

Estavas, quando me acheguei, folheando
Um livro, e n'elle punhas a attenção:
Leve, do ouvido á concha delicada
Eu segredei-te uma palavra amada...

Tu me disseste: — Não.

Tres semanas depois, voltando, achei-te
Em roupão, a passear, no teu jardim:
Approximei-me, e vi que estavas triste;
A mesma cousa disse-te — sorriste...

Tu me disseste: — Sim.

Do meu passado, sob os olhos, hoje,
Cahe-me, ó flôr, este caso original...
E a mim pergunto, e a ti, minha ex-amante:
«Qual de nós ambos foi o mais constante,
O mais constante, qual?»





OLHAR DE MÃE

Na alma, por entre as coleras funestas
Da sorte, como um salutar conselho,
Minha biblia de luz, meu evangelho,
Ó doce e amado olhar, inda me restas.

Como um crystal de virginaes arestas
Sobre um golphão voraginoso e velho,
— Luz do sagrado altar onde me ajoelho,
Aclarando-me a vida, a paz me prestas...

Não creio em Deus algum; entanto eu creio
Em ti, de bençãos e doçuras cheio,
Que a santa religião do bem me ensinas.

Si um dia o fado o coração ruinoso
Fizer-me,—ó casto olhar,— luar saudoso,
Chorando, alveja as pedras das ruinas...





A MASCARA

(A CÔRTE BRILHO)

Depois de amal-a, eu tenho de esquecel-a,
Dissimulando nunca haver amado,
Como si o amor,—consoladora estrella,
Do peito m'ó tivessem arrancado.

Vêl-a no meu caminho e, desgraçado,
Dissimular não ser visto por ella!
Amal-a sempre, e sempre, allucinado,
Fingir na vida que detesto vêl-a!

Collada ao rosto a mascara impassivel,
A plumbea mascara da indiferença,
Arde entre nós o inferno do impossivel.

Ainda assim viver por longos annos
Eu quizera,—vivendo, nesta crença,
De desenganos sobre desenganos...





VIOLETAS

(A PAULO PRADO)

Tonitruoso, n'amplidão estale
O raio; o céu d'escuras nuvens cheio
Despeje à chuva,— a chuva no entre-seio
Do valle caia, e inunde todo o valle.

O temporal a tudo num bloqueio
Ponha, rouco, estouraz, como um timbale:
Qu'importa! Nada, nesta vida, vale
Como á noite beijar-se um morno seio...

*

Ámanhã, ao jardim, quando tu fôres,
Dama formosa, olhar as tuas flôres,
— Tuas roxas violetas feiticeiras,

Nenhuma encontrarás, chorosa... Entanto
Nos teus olhos verei, cheias de pranto,
As violetas gentis de umas olheiras!





ESCREVE! . . .

(A ALFREDO PUJOL)

...Pois imagina então que ella, pensando
Em ti, como tu pensas nella, agora
(Só porque tu não lhe escreveste) chora,
Mas afinal desculpa-te, chorando...

Espera mais um dia... Hora a hora,
Passa uma noite, pavida, fitando
O relógio... por fim ergue-se, quando
Mal se vislumbra no levante a aurora.

Abre a janella.— Canta-lhe a esperança
No seio, como os passaros á mansa
Luz que jaspeia o céu... Mas afinal

Não lhe escreveste, barbaro, uma linha...
E ella, pensando que essa carta vinha,
Espera... (Vê que tú fizeste mal...)





O BEIJO DA ONDA

Ia do mar na superficie um friso
Leve o batel deixando... O bateleiro
Cantava á prôa, tendo em frente o liso
E calmo plaino azul do mar fagueiro.

De espaço a espaço vinha-lhe um sorriso
Á flôr do labio...—É que elle, prazenteiro,
Revia n'alma um vago paraiso,
O paraiso de um amor primeiro...

Cantava, solto o remo... Nisto a vela
Rompe-se, empóla o mar, silva a procella
Nas aguas... Subito o batel naufraga...

E o bateleiro, em ancias delirando,
Cuida a noiva gentil beijar,—beijando
O regaço espumoso duma vaga...





O RELOGIO . . .

(A J. A. PEREIRA DE QUEIROZ)

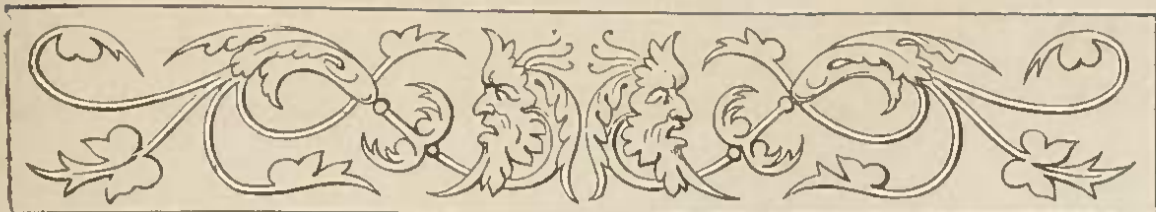
Disse-me: — «Pousa a tua mão em cima
Do meu seio, e depois, attento, escuta:
Bate... não ouves? nada que o reprima
Existe, e bate, sempre e sempre, em lucta...

«O que me torna alegre, o que me enlucta,
Tudo o que estimas e minh'alma estima,
Doce illusão ou realidade bruta,
Nada o amortece, nada o desanima.»

E sobre aquelle seio, casto e branco,
A minha mão pousei; tranquillo e franco,
Puz-me a escutar-lhe o coração bater...

Ha tanto tempo que isto foi... Agora,
Como um relógio que não dá mais hora,
O coração parou d'essa mulher.





AU DÉPART

I

Bem vês, senhora, eu cumpro uma etiqueta
Em vir dizer-te adeus;
Tomei por isso uma farpella preta,
Da côr dos olhos teus.

Hoje em dia não ha um pobre diabo
Que se não traje assim,
Seja um artista ou seja algum nababo
Trazem farpella, emfim.

Não ha razão para levar comigo
Rancor algum sequer,
As curtas horas que passei contigo
Foram sonhos, mulher.

Sonhos que passam, rapidos, na vida,
Mas que maltratam bem,
Pois quando vê-se uma illusão perdida,
Ah! chora-se tambem.

E em nosso peito uma descrença amarga,
Como avalanche, cahe;
E para longe o amor as azas larga
Num derradeiro ai...

Esta alegria juvenil nos foge,
Foge, e não volta; e nós
Logo sentimos, amanhã ou hoje,
Uma tristeza atroz.

II

Já te disse ao que vim... Será bem pouca
A minha ausencia, crê...
Mas voltarei? esta cabeça louca
Pensa não sei em que...

Amanhã, num navio, mar em fóra,
Estarei no convez,
Olhando a mobil vastidão sonora
Rebentar a meus pés.

Como uma alva oceanitide, minh'alma,
Solta no espumeo véu,
Como então será bello, em noite calma,
Ver-se entre o mar e o céu!

No oceano vêem-se largos horisontes,
Novo ar, nova luz;
A vida alli, como nos altos montes,
Novas forças produz.

O corpo se nos enche de saude,
A alma de esplendor;
Nada nos tenta, nada nos illude
Das ondas ao rumor.

III

Eu não creio que tomes isto a serio,
Não me fizeste mal;
Tenho no entanto agora um ar funereo,
Em vez de jovial.

Talvez seja um effeito da sombria
Côr do meu fato... a côr
Influe muitas vezes na alegria,
Muitas vezes na dôr.

Si ao labio a minha voz, tremula, expira,
Ao fallar-te... Perdão,
É que uma noite destas eu sentira
Uma constipação.

Encaras-me... Talvez penses que é pranto
Isto nos olhos... mas
Bem sabes que me dóe nos olhos tanto
A crua luz do gaz.

Rio-me até por ler-te no semblante
Esse erroneo pensar...
Seria mesmo bem interessante
Que me visses chorar:

Bem vês, senhora,—escravo da etiqueta,
Quiz apertar-te a mão...
Fará mal que eu te roube esta violeta,
Como recordação?





PAGINA ESCURA

(A MEU PAE E. J. DE OLIVEIRA QUEIROZ)

Gelidamente branca vi outr'ora,
Entre as planchas de um funebre ataúde,
Essa por quem chorou e ainda chora
O grande amor de minha juventude.

Lembra-me até como si fosse agora :
Prostrado e só, nesta existencia rude,
Subitamente vi-me áquella hora,
Dura e tremenda, em que chorar não pude.

Ao longe, o rio, as arvores, o vento,
Como um còro de cytharas chorosas,
Soluçavam de dør nesse momento.

Eu via que ella olhava e não me via;
Murchas ficaram do seu labio as rosas,
E eu, perdendo-a, nem soube o que perdia...





ÁS VICTIMAS DA ANDALUZIA

Vede :— o sólo, estrugindo, se abre... Os rios
Asperamente mugem nos abysmos,
Donde uma espessa nuvem de sombrios
Gemidos e ais rebenta em paroxismos.

De meio a meio fendem-se os rochedos
Explosindo em tarantulas de chamma,
Que incendeiam os seccos arvoredos,
Aterrorando mais aquelle drama...

Torvelinham as arvores, mostrando,
Num esforço tétanico, as raizes...
As avalanches rolam, esmagando,
Na passagem, milhares de infelizes.

Os volcões, como válvulas da terra,
Horridamente, pelas negras boccas,
Como um pendão phantastico de guerra,
Fumo despejam em golphadas roucas.

Alhambra rue... Talvez que o Cid, o Forte,
Cercado de seus validos guerreiros,
Fosse da Hespanha a deploravel sorte
Ghorar, como um phantasma, entre os salgueiros...

Através dessa misera hecatomba,
O povo exangue, em lagrimas e luto,
Desfallece, delira, geme e tomba
Das ruinas torvas no silencio bruto.

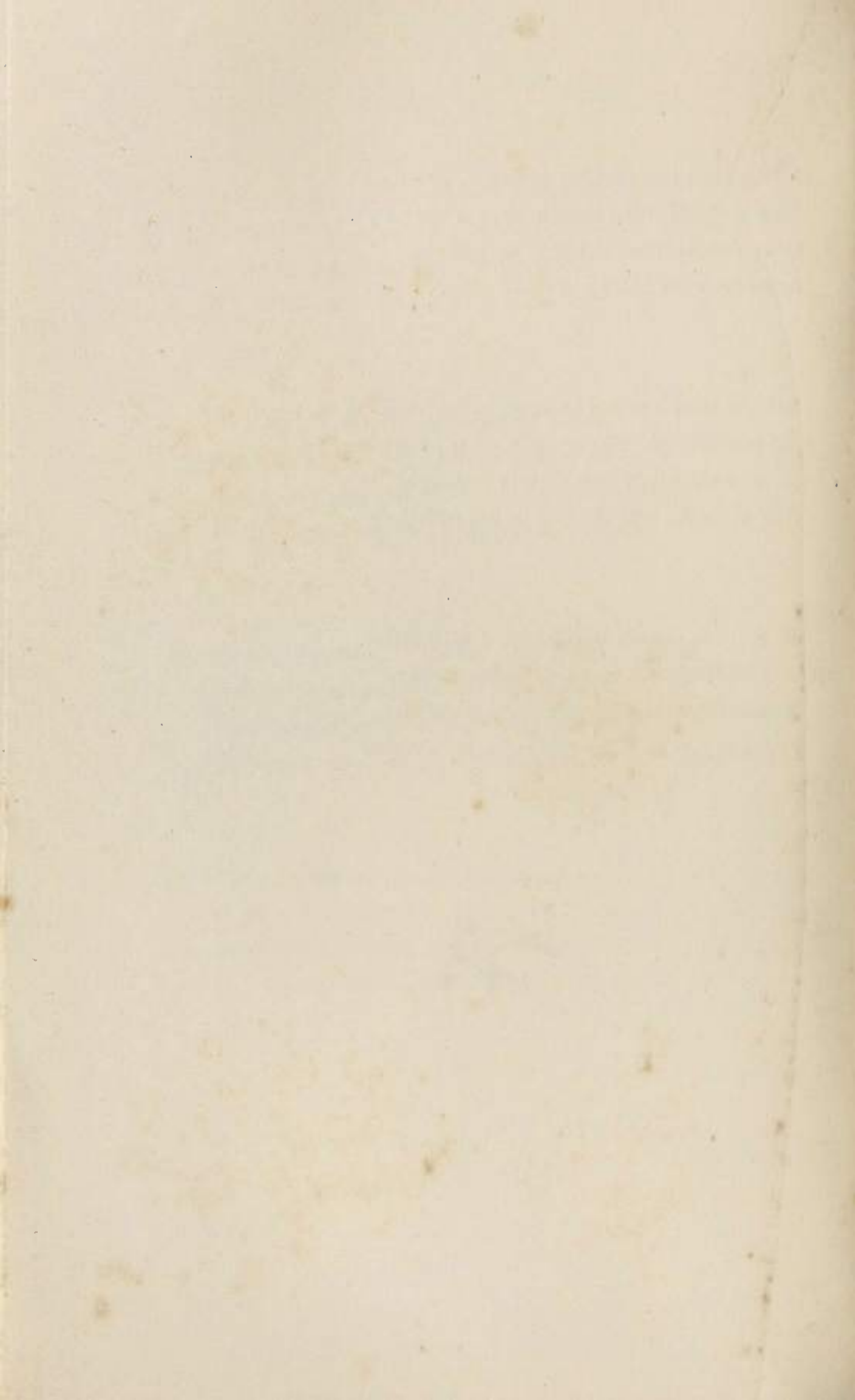
.....

Jardim da Hespanha, pobre Andaluzia!
Não mais chora em teu seio a serenada,
Que, em noites de luar, de poesia,
Acordava no leito a flôr amada...

Sob os teus verdes laranjaes floridos,
Ao pôr do sol, não mais rufa o pandeiro,
Nem a guitarra solta mais gemidos
Aos sons da voz do pobre aventureiro.

E, ai! em Granada, Cordova e Sevilha,
— Monumentos de poetica legenda —
A morte canta, em vez da seguidilha,
Férreos tercêtos de tragedia horrenda.







NEVES ETERNAS

És fria como a nevoa alvissima do monte,
Que num sudario envolve um rutilo horisonte.

Nunca sentiste o amôr — essa ave arribadora
Abrigar-se em teu seio — um ninho côr d'aurora!

No entanto, és muito bella... arrastas preso às tranças
Muito sonho de amor dourado de esperanças...

Arrastas fascinado aquelle que te olha,
Porque um sorriso estranho e acerbo se desfolha

Na ponta do teu labio ardente e purpurino,
Que a respirar murmura um som... um canto... um hymno...

No teu olhar se vê um fluido que electriza,
Que encanta, que seduz, que a todos tantalisa...

O teu perfil nervoso, esbelto, grande e nobre
Impõe-se a toda a gente: ao rico, ao pária, ao pobre.

Tanto attractivo tens nos modos e nos gestos
Que rojam aos teus pés os homens mais funestos

De uma alma purulenta — uma alma torpe e abjecta
Que de vicios senis a sociedade infecta.

Mas... passas orgulhosa e fria e indifferente,
Sem vêr que por ti só aneia toda a gente.

E tens no grande olhar uns brilhos de cutello,
E no seio, talvez... um coração de gélo.





RELIQUIAS

Pelas noites monotonas do inverno,
Ora meigo, ora triste, ora tranquillo,
Eu beijo-as todas, oh penhor eterno!
Em seu sagrado asylo.

Aspiro melancholico e saudoso
O perfume subtil das murchas-flôres,
Esse resquicio pallido e choroso
Dos meus castos amores.

As cartas eu releio-as decorando
Por vezes um periodo sentido,
Onde su'alma num queixume brando,
Exhalava um gemido.

Em meio dumas fitas perfumadas
Do seu retrato eu vejo o olhar sereno,
Como eu já vi nas paginas sagradas
O olhar do Nazareno.

Iluminá-lhe a bocca breve e rara
Um sorriso de angelica doçura;
As alvas mãos do marmor de Carrara
Excedem a brancura.

Em caracões deslisa a trança loura
Na ondulação artistica do seio;
Um ideal estemma sobredoura
A sua fronte em meio...





VERSOS ROMANTICOS

Vi-te bem tarde... eu sei... Mas como agora
Volver atraz, se a noite me apavora?
Se outro norte, outra luz, outro destino,
Cégo de pranto e dor, não descortino?

Se na vereda atroz que se me antolha,
Rôta, suja de pó, folha por folha,
Irei deixando a flor dos meus amores,
— A mais querida flor de minhas flores...

Dirás:— Que importa!— Eu creio... que te importa
Um sonho extinto, uma illusão já morta,
— Floreo ninho a boiar na correnteza?

E meus ais, minha dor, minha tristeza?
— Sim, nada sentes, meu gentil verdugo,
Em quanto minhas lagrimas enxugo...





DA PASTA DE UM LYRICO

Hontem, á noite, ao recordar-me della,
Na solidão tristissima em que vivo,
Pulsou-me tanto o coração captivo
Que pensei nunca mais poder eu vel-a...

Uma lagrima, como lenitivo,
Orvalhou-me o papel... Nenhuma estrella
Eu vi jamais brilhar no azul como ella:
Tudo sorriu-me ao seu fulgor tão vivo.

Atravez dessa gotta crystallina,
Onde ria-se a luz, tremulamente,
Eu pude ver-lhe a bocca purpurina...

E eu, que chorava, agora estou contente,
Porque entrevi na lagrima divina
O rosto ideal de minha amada ausente.





A UMA CREAÇÃO MORTA

Acompanhei o prestito funereo
Que marchava em silencio enorme e fundo,
Levando ao cemiterio
Uma creança — um anjo deste mundo.

Muda e soturna a multidão fitava
Aquella flôr de um dia,
— Botão de flôr que em sonhos abrolhava
Levado ao sopro da nortada fria...

Enterravam-na, quando
Vinha a noite dos céos azues tombando
Como um enorme corvo na amplidão;

Emquanto, envolto em sombras de tristeza,
No lar, da sorte — miseranda presa!
Gemia um coração...





AMOR

Pelos abysmos concavos dos ares,
Quando fitas a abobada estrellada,
Seguem-te a alma, seguem-te a sagrada
Meditação — meus fervidos scismares...

Tua pupilla azul então banhada
De amor sereno como o azul dos mares,
Verte-me n'alma tremula, extasiada,
Uma chuva de limpidos luares.

Amo a luz, amo o passaro, amo as flores,
A estrella, a noite, a aurora, os resplendorès,
Eu amo emfim um deus — a natureza.

Mas o amor que te sagro — é bem mais fundo
Que esse outro grande amor, é, com certeza,
Mais brilhante, mais vasto, mais profundo...





OS ALCHIMISTAS

Os alchimistas,—doudos pertinazes,—
Uma esperança a alimentar viviam,
Á luz dos cabalisticos matrazes
Onde os carvões, phantasticos, ardiam...

Rasgando á nova sciencia um novo rumo,
Alguns morriam, como heróes valentes,
Numa atmospherá turgida de fumo,
Ao brilho crú dos mineraes candentes.

Partiam-se as retortas muitas vezes:
Os miseros soffrendo esses revezes
Inda aguardavam o fermento d'ouro...

— Assim trabalho, num fervor insano,
Para fundir num molde sobrehumano,
Meu ideal — meu unico thesouro.





PASSEIO MATINAL

Encosta-te ao meu hombro... esta collina
Tem a subida ingreme, escarpada...
Páras... Mas não vês como a campina
Ao longe ri-se aos fogos da alvorada?

E os astros d'ouro, na cerulea umbella,
Fogem do oriente á luz que se derrama?
Vamos, coragem! vamos do alto della
Contemplar este vasto panorama!...

Envie-nos o sol um tenue raio
Para dourar-te a fronte que em desmaio
Pende cançada e tremula... E chegamos!

Fita naquella viride planura
Uma casinha... Pois foi lá (ventura!)
Que outr'ora inda creanças nos amámos!





A UM VETERANO

Eil-o já velho e encanecido — o bravo
E valente guerreiro d'outras éras,
Que corria da patria em desagravo
A combater temivel como as féras...

Das bastas cans os flocos prateados
Coròam-lhe a cabeça gloriosa,
Como tropheus de louros conquistados
Das balas na floresta estrepitosa.

Nas noites frias, ao soprar dos ventos,
Ao pé do fogo o bravo conta aos centos
Essas historias tragicas da guerra...

E tremulo de espanto e de entusiasmo,
Do ardor guerreiro no febril espasmo,
Cuida ouvir um clarim de serra em serra...





A PRIMAVERA

Tugindo vai o inverno... A primavera
Enche de luz o calice das flores;
Vôa o insecto no azul, como a chymera
Tambem recorta o azul dos meus amores.

Nos aditos da matta as serpes de hera
Acurvam-se como arcos vencedores,
Por onde passa triumphante a féra
Ao rubro som da musica das cores.

Trinam aves voando em douda festa...
Pendura-se das ramas da floresta
A parasita... E o sol glorioso, ufano,

Um punhado de luz no espaço atira...
E como treme e canta a minha lyra
«*Oh! primavera, gioventú dell'anno!*»





RUINAS

Ante um montão de ruínas pezarosas,
Cheias de musgo, de hervas enlaçadas
Por entre as pedras soltas, despegadas
Do tempo avaro pelas mãos irosas;

Donde fogem, sinistras, tenebrosas,
Em longo bando, as aves espantadas,
Tornando as mudas ruínas desoladas
Mais desertas, mais tristes, mais saudosas...

Ante umas ruínas negras como a noite,
Por onde zune sacudindo o açoute
Do vento o sopro lacrymoso e triste:

Sinto no peito o coração gelado,
Pois me lembro que tu, lyrio adorado,
Meu coração a ruínas reduziste.





* * *

Tanta vez eu ouvi, arrebatado, attento,
Na profunda mudez da noite magestosa,
A encantadora voz cheia de sentimento
Que ao piano desfolhava essa mulher formosa.

Quando o mésto luar lhe prateava a vidraça,
Ella deixava ouvir, apaixonada, inquieta,
Uma *romanza* triste, um threno que trespassa,
Como um dardo de luz, o coração de um poeta.

Como eu gostava então, attonito, surpreso,
De abrir o Heine e ler o lyrico *Intermezzo*,
Ao mavioso som dessas canções divinas...

E, estranha phantasia! ahi julgava insano
Que por todo o meu ser cahia ao som do piano
Uma cascata azul de notas crystallinas...





NO SERTÃO

O meu cavallo impaciente
Galopando pela estrada
Caminha présto na frente,
E á mansa luz da alvorada
Sacode a crina luzente.

Ao perto collêa o rio,
Claro, onduloso, irisante,
E em ledô bando erradio
A passarada inconstante
Roça-lhé o dorso macio...

No peristylo da matta
A trepadeira em corymbos
Cobre a verde columnata,
Orlada de estranhos nimbos
Que o sol desfia em cascata.

Na enredia da ramagem
Sopram, cantando á surdina,
Lufadas frescas de aragem
Que me trazem da campina
Um santo aroma selvagem.

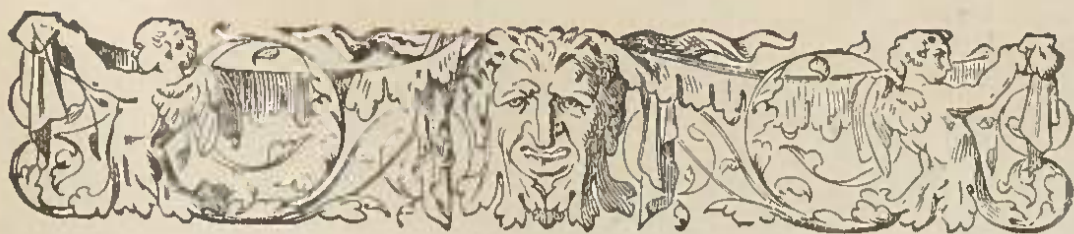
Ardentes como scentelhas,
Zumbe no ar inflammado
O louro enxame de abelhas,
Recolhendo o mel dourado
Das parasitas vermelhas.

Desde o cabeço até a fralda,
Das montanhas alterosas
Avulta a graminea espalda,
Cheia de chispas radiosas,
Como uma enorme esmeralda...

O sangue me tonalisa
Das florações a frescura,
Dando-me a força precisa,
E esta seivosa verdura
Meus pulmões oxigenisa.

E enquanto ao páramo lindo
Ascende o sol glorioso,
Por este sertão infindo
O meu cavallo feroso
Bufa, galopa nitrindo...





TRANSFORMAÇÕES

(AO DR. AMERICO DE CAMPOS)

A morte não me espanta, eu sei que a vida
Transforma-se e renasce de mil modos:
Passaro ou flôr... Nesta eviterna lida
Vivem, morrendo, os organismos todos.

Desde o infusorio ao ente mais perfeito,
Nada se perde; tudo resuscita:
Talvez de *alguem* um atomo desfeito
Possua o coração que em mim palpita.

Talvez dê mais perfume ao casto lyrio
De um moribundo o derradeiro alento,
De um olhar talvez seja a luz de um cirio...

Talvez seja um philosopho o cypreste,
Que, em noites de luar, como um lamento,
Ao céo pergunte: — Que viver é este? —





RECUERDO

Depois da confissão que tu me ouviste,
Do meu amor a confissão singela,
Eu me lembro... essa noite, a medo, e triste,
Perguntaste si eu lia a *Graziella*.

Como num sonho, então, de Lamartine
A doce amante eu vi, pallida e bella;
E, num gesto que a falla não define,
Eu te disse que lia a *Graziella*.

Em duas tranças, tua coma escura,
Solta nos hombros, me lembrou, donzella,
(Santa visão de amor que em mim perdura!)
As tranças virginaes de Graziella.

Sonho, e não deixo de sonhar ainda,
Ao me lembrar daquella noite,—aquella
Em que, tomada de uma angustia infinda,
Perguntaste si lia a *Graziella*.





A MATTA VIRGEM

Das mattas virgens no seiô
Tudo tem vida... Por tudo
Vê-se o recondito aneio
De um olhar ardente e mudo.

Da flôr nos leves pistillos
Forma-se o póllen dourado
Que voa aos ares tranquillos...
Pelas aragens levado...

Distillam vivos aromas
As floreas caçoulas d'ouro,
Como odorantes redomas
Deste encantado thesouro.

Em voluta bella e tosca
De uma forma caprichosa
A madre-silva se enrosca
Pela cupula frondosa.

O ninho musgoso e fofo
Suspenso a um ramo florido
Parece feito de estofa
De um engenhoso tecido.

Neste verde e irial delúbrio,
O sol nascente, explosivo,
Tinge a folhagem de rubro,
Do colorido mais vivo...

As aves voam em bando
De mil variegadas cores,
E vivem sempre cantando
O idyllio de seus amores.

A luz vital peneirada
Pela folhuda ramagem
Veste uma seiva sagrada
Em cada planta selvagem,

Transmuda as gottas de orvalho
Na mais rica pedraria
Facetada com o trabalho
De paciente phantasia.

Em tudo a vida borbulha...
Desde o estribilho das aves
Até a minima bulha
Ha melodias suaves...

Nas mattas de seiva cheias,
Para onde vim quasi exangue,
Sinto que tenho nas veias
Mais uns globulos de sangue...





NOVOS BARDOS

(A LUIZ MURAT)

I

RAYMUNDO CORRÊA

Como um florão numa espiral senrola
Ao bello plintho d'uma estatua, a idéa,
Doce e harmoniosa como uma alva rôla,
De seus versos no marmore se enleia.

O fogo do estro fervido, nervoso,
Que lhe fecunda o espirito, fundira,
Num divino crysol maravilhoso,
As cordas triumphaes de sua lyra.

A primeira audição das « Symphonias »
Vibrou-me n'alma as emoções sadias,
Como os cantos que Abril em tudo acorda...

Que a mão lyrial de tua musa, artista,
Jamais deixe o buril que a estrophe borda,
E a imagem lavra como uma amethysta.





II

THEOPHILO DIAS

Phantasio um salão, quando o releio,
Onde em jarras de fina transparencia
Lyrios vaporam do virgineo seio
Ondas e ondas de subtil essencia...

A myrrha, o nardo, o aloès ardem nas pyras...
Rompe o concerto: o handolim resòa,
A guzla geme acompanhando as lyras,
E o violino em lagrimas se escôa...

Em meio desta musica enervante,
Que a alma nos leva, aligera, surpresa,
Pelo céu da utopia azul, distante,

Rompe uma orchestra valida e sonora,
O hymno triumphal da «Marselheza»,
Como um canhão salvando a luz d'aurora.





III

ALBERTO DE OLIVEIRA

É alegre a sua musa... Quando o dia
De faixas d'ouro cinge o calvo monte,
Ella, empunhando a taça d'alegria,
Sauda o sol que assoma no horizonte.

Gosto de vel-a, de manhã, sorrindo,
Com o avental de pedrarias cheio,
Por montes e por valles desferindo
Uma canção num limpido gorgeio.

Ora canta, ora ri, ora acompanha,
Nas grutas de crystal d'uma montanha,
A coréa das Dryades formosás...

Ás mãos cheias, depois, atira aos ares,
Quando, risonha, se recolhe aos lares,
Uma chuva de pedras preciosas...





IV

AUGUSTO DE LIMA

A poesia brota-lhe fecunda,
Como uma densa, tropical floresta,
Onde floreja o pampano, a giesta,
Que a luz de seiva em gorgolões inunda.

Escancaram-se abysmos — onde, em sanhas,
Ronca e estrepíta, caudaloso, o rio;
Do pachyderme vê-se o olhar sombrio
Apavorando as solidões estranhas...

Das arvores no dedalo frondoso,
A forma, a còr, o fructo, o aroma, o canto,
Dão aos sentidos um profundo goso...

Antistite do bello, com certeza
Ninguem como elle adora e eleva tanto
A casta religião da natureza.





V

ARTHUR AZEVEDO

É preciso também que a gente ria
De seus comparsas na comedia humana,
Cujo scenario — a Terra — scinde a fria
Mudez do espaço n'uma curva insana.

Sobre a Europa, Cervantes e Molière
Passaram como duas gargalhadas...
— O riso é como o bisturi que fere
Fundo, e retalha as carnes gangrenadas.

*

Como do lapis Gavarni vibrava
Settas sobre uma geração escrava,
De vicios asquerosos carcomida,

Vibras com a penna a satyra mordente
Contra esta sociedade indifferente
Ao doloroso frenesi da vida...





VI

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

A paisagem foi esta que na mente
O seu livro traçou-me: — em fio, sobre
Areia de oiro, murmura corrente
Foge, regando um florejante alfôbre.

Vê-se uma turma de gentis crianças,
Aqui e ali, cortando rosas... Perto,
A mãe as vê e ri... Por sobre as franças
Papeiam aves num gazil concerto.

Passa e repassa um colibri dourado
Sobre touças de anemonas; de um lado
E de outro vôa, e some-se voando...

Se alguma nuvem ha que a dôr exprima
Na paysagem, tambem se avista, em cima,
O eterno céu azul se desdobrando...





VII

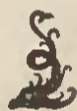
GONÇALVES CRESPO

Como um modelo da estatuaria antiga
Talhado em fino marmore de rosa,
Poeta,— elle, d'arte na genial fadiga,
Marmorisou a inspiração fogosa.

De imagens uma chlamyde impolluta
Bordava sempre ao seu amor violento;
Como Pygmalhão á pedra bruta
Déra contornos, vida e sentimento...

Arrulhos d'ave, silvos de serpente,
Aromas de violeta, luz dolente
De saudosos luares, tons diversos,

Tudo o que ao poeta, ás subitas, fascine,
Elle tudo empregou, novo Cellini,
Na bella cinzelura de seus versos.





VIII

FONTOURA XAVIER

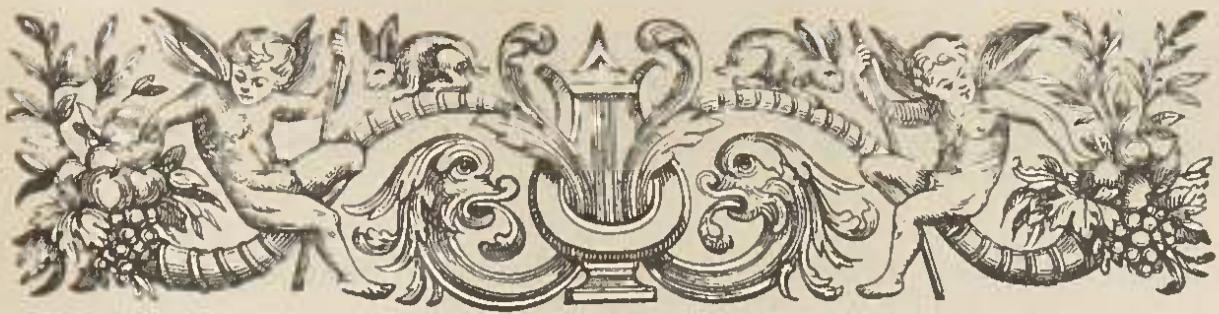
Vão-se-lhe os versos, rispídos, vibrando,
Na vehemencia dos odios concentrados,
Como se eu visse desfilar marchando
Um batalhão valente de soldados.

Doiram-lhe a estrophe as syllabas flamantes,
Como fulgurações de meteoros,
E passam, como aligeros diamantes,
A alma espalhando em turbilhões sonoros.

De suas rimas atravez, ouvindo
Eu fico, ao longe, o som que faz a quéda,
A queda enorme de um titan ruinoso;

E vae-me n'alma fundo percutindo,
De uma alvorada á rubra labareda,
O vivo toque de um clarim glorioso...





POEMAS DO LAR

(A D. ANGELINA DE QUEIROZ)

I

Linda! não ha como ella,—a travessa Fantina,
Quando chora e sorri, quando sorri e chora:
O rosto esconde atraz da palma pequenina,
Porém deixa escapar, quando a cabeça inclina,
Uma gotta de pranto, um sorriso de aurora.

Esse roseo e lyrial corpinho de tres palmos,
—A crystallisação de um beijo abençoado,—
Inspira-me não sei que pensamentos calmos,
Que idéas virginaes, que amor, que sonhos almos,
Como o primeiro alvor de um dia de noivado.

Como que sobre mim canta um côro de estrellas,
Revelando o mysterio ideal do paraiso,
Onde anjos triumphaes,—louras cabeças bellas,
Envoltas no esplendor de brilhantes capellas,
Têm o seu mesmo olhar, o seu mesmo sorriso.

E neste enlevo, e neste encanto, e n'este sonho,
Junto dessa criança eu sinto-me criança:
Como a palmeira após um deserto medonho,
Beijo-a, levando assim, como premio risonho,
Para as lutas da vida a palma da esperança.





II

(AO RAUL)

Essa fragil creatura
De alguns dias de existencia
Dá-me este sonho — a ventura,
Dá-me esta força — a innocencia.

De joelhos a contemplo
No berço, e fico sonhando,
Como si dentro de um templo
Eu estivesse rezando...

E nas azas da esperança
Passa-me n'alma enlevada
A visão dessa criança
— Espiritualisada...

Vejo-a ascendendo, ascendendo,
Acima do mundo, quasi
Nos céos desaparecendo
Numa finissima gaze...

Nesse caminho siderio,
Entre as estrellas aberto,
Parece a vida — um mysterio
Parece o mundo — um deserto.

Pontas de azas luminosas
Batem no azul; as esphas
Cantam, — boccas mysteriosas —,
Os hymnos das primaveras.

E vejo-a mysticamente,
Entre os anjos bemfazejos,
Numa gaze alvi-nitente
De aromas, caricias, beijos...

Essa fragil creatura.
De alguns dias de existencia
Dá-me este sonho — a ventura,
Dá-me esta força — a innocencia.







III

(AO MARIO)

Tranquilla a vida corre-te, meu filho:
Assim boia, assim vai placidamente
Uma haste em flor na limpida corrente:
N'agua não deixa a flor um só rastilho...

Mas teu bercinho, junto ao qual me humilho
E me prosterno sempre como um crente,
Onde irá,—leve gondola innocente,
Cheia de tanto aroma e tanto brilho?

Que destino te aponta a estrella d'alva?
Onde prender tua ancora dourada,
De aparcelados, negros mares salva?

Tua barquinha, livre de revezes,
Verá por fim a terra cubiçada,
Meu gentil argonauta de seis mezes?





IV

O teu primeiro e delicado affecto,
Eil-o no berço, como um passarinho:
Todos sorriem ao seu meigo aspecto,
Todos o beijam no enfeitado ninho.

Paira sobre esse berço o teu dilecto
Olhar,—eterna bençãam de carinho,—
Como um sonho de amor, como um secreto
Beijo de sol sobre frouxeis de arminho...

*

Desse risonho, pequenino leito,
Feito de rendas, de escumilhas feito,
Para nós ambos nasce o eterno dia.

Auroras, sóes, estrelas, céu profundo...
Tudo resume, pois que é o nosso mundo,
Nosso amor, nossa luz, nossa alegria...





V

Ô seu raio primeirô ô sol, pör uma frêsta,
Das ramas atravez,— folhudas ramas,— cõa...
Espia... docemente illumina a floresta:
A féra no covil o raio despertou-a.

Seguindo-o, baila o insecto, o passarêdo vòa
Em torno. O raio d'ouro á liana em flôr empresta
O brilho; e na versuda abobada resõa
Um trecho musical de passaros em festa...

A vida vegetal, na matta verde-negra,
Áquella tenue luz, ás subitas, se alegre...
— Assim ao coração sinto, num raio brando,

A vida refluir, a alma enflorar-se toda,
Quando, ó meu casto amor, no lar, olhando em roda,
Olho-te, e vejo então que estás sempre me olhando...



INDICE

	PAG.
A garça exilada	7
Gelo polar	9
A clareira	11
Edel-weiss	13
A fragata	15
Caricias de um anjo	17
Alma negra	19
Loura.	21
Porta sem gonzos	23
Columba	25
Coração de um estoico	27
Violino magico	29
Obelisco de ouro	33
Entremez lyrico	35
A um grande morto	39
Soffrer é viver	41
Odio	43
A noiva	45
Madrigal.	47
Canções alegres	49
Lendo a Biblia.	53
Presentimento , , , ,	55

	PAG.
(De Jean Richepin)	57
O ganges	59
Folha do outomno	61
Noiva morta	63
Prometheu de eschylo	65
A mandrágora	67
Mar e céu...	69
O grande amor.	71
Novas ilhas	73
Viajando	75
Biolets	77
A dous velhos românticos	79
Tête à tête	81
Os dous espelhos	83
A aguia e o ideal	85
A uma viajante.	89
Nevrose	91
No trem	97
Poema da carne	99
(Ortega de la Parra)	103
Rosas de inverno	105
Dias felizes	107
Semper	109
(A. Trueba)	111
O cégo	117
Perolas falsas	119
Idyllios	121
O basilisco	127
Duas auroras	129

	PAG.
Anacreonte	131
(De Montúfar)	133
Estrella moribunda	135
Num «atelier»	137
Saudade	139
Thesouro occulto	143
Marinha	145
Julia	149
Sol extinto	151
Ventura	153
O vestido azul	155
Duas phases	157
Olhar de mãe	159
A mascara	161
Violetas	163
Escreve!...	165
O beijo da onda	167
O relógio...	169
Au départ	171
Página escura	177
Às victimas da Andaluzia	179
Neves eternas	183
Reliquias	185
Versos românticos.	187
Da pasta de um lyrico	189
A uma creança morta	191
Amor.	193
Os alchimistas	195
Passeio matinal	197

	PAG.
A um veterano	199
A primavera	201
Ruinas	203
***	205
No sertão	207
Transformações	211
Recuerdo	213
A matta virgem	215
NOVOS BARDOS:	
I—Raymundo Corrêa.	219
II—Theophilo Dias.	221
III—Alberto de Oliveira	223
IV—Augusto Lima	225
V—Arthur Azevedo	227
VI—Luiz Guimarães Junior	229
VII—Gonçalves Crespo	231
VIII—Fontoura Xavier	233
POEMAS DO LAR:	
I.	235
II.	237
III.	241
IV.	243
V.	245



